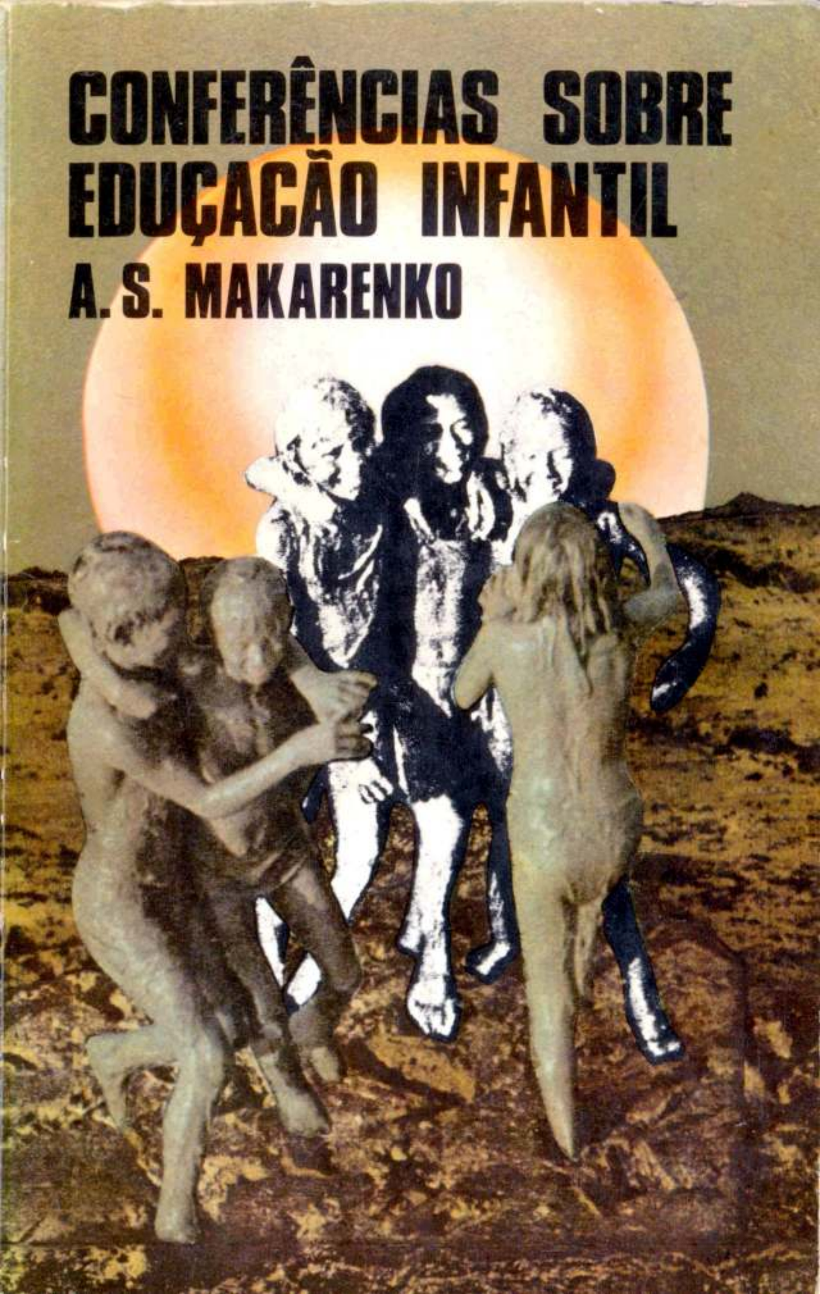

CONFERÊNCIAS SOBRE
EDUCAÇÃO INFANTIL
A. S. MAKARENKO

Anton Simionovich Makarenko é considerado um dos maiores educadores soviéticos e um dos expoentes da história da educação socialista. Deve-se ao grande educador talvez a mais elaborada e completa proposta educacional comprometida com a construção da sociedade socialista, dentre todas as produzidas pela tradição revolucionária. Ainda que muitas das suas concepções, geradas num momento em que a ênfase era na viabilização da primeira experiência socialista na história, possam parecer inadequadas à prática concreta de nossos dias, os educadores críticos que hoje procuram descobrir com o povo novos caminhos para a educação popular no Brasil certamente muito têm a lucrar com o conhecimento e o estudo das contribuições de Makarenko.

Tratando-se essencialmente de um texto destinado aos pais soviéticos, com o objetivo de disseminar práticas de educação familiar compatíveis com a sociedade socialista em construção, amplia-se enormemente o número de interessados neste texto, que é excelente material para discussão com grupos familiares, nos diversos trabalhos de organização popular.

EM EDITORA MORAES

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Makarenko, Anton Simionovitch, 1888-1939.
M195c Conferências sobre educação infantil / A. S. Makarenko ; apresentação de Wagner Gonçalves Rossi ; tradução de Maria Aparecida Abelaira Vizotto. -- São Paulo : Moraes, 1981.

1. Educação de crianças 2. Socialismo e educação I. Título.

CDD-649.1
81-0383 -370.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Educação de crianças : Educação doméstica 649.1
2. Educação socialista 370.1

A. S. MAKARENKO

CONFERÊNCIAS SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL

Apresentação de Wagner Gonçalves Rossi
Tradução de Maria Aparecida Abelaira Vizotto

EDITORA MORAES
1981

Produção: César A. Nogueira
Revisão: Virginia Aoki
Capa: Francisco Cáceres
Composição: FORMA-Composições Gráficas Ltda.
Impressão e acabamento: Círculo do Livro S.A

ⓒ EDITORA MORAES LTDA.
Rua Ministro Godoy, 1002 — 05015 — São Paulo-SP
Fones: (011) 864 1298 e 62 8987

Impresso no Brasil.

SUMÁRIO

Apresentação 9

PRIMEIRA CONFERÊNCIA
Condições gerais da educação familiar 17

SEGUNDA CONFERÊNCIA
A autoridade paterna 27

TERCEIRA CONFERÊNCIA
Disciplina 37

QUARTA CONFERÊNCIA
O jogo 47

QUINTA CONFERÊNCIA
O trabalho na educação familiar 57

SEXTA CONFERÊNCIA
Economia familiar 67

SÉTIMA CONFERÊNCIA
Educação de hábitos culturais 77

OITAVA CONFERÊNCIA
Educação sexual 87

APRESENTAÇÃO

Anton Simionovich Makarenko é considerado um dos maiores educadores soviéticos e um dos expoentes da história da educação socialista. Deve-se ao grande educador talvez a mais elaborada e completa proposta educacional comprometida com a construção da sociedade socialista, dentre todas as produzidas pela tradição revolucionária. Ainda que muitas de suas concepções, geradas num momento em que a ênfase era na viabilização da primeira experiência socialista na história, possam parecer inadequadas à prática concreta de nossos dias, os educadores críticos que hoje procuram descobrir com o povo novos caminhos para a educação popular no Brasil, certamente muito têm a lucrar com o conhecimento e o estudo das contribuições de Makarenko. Por isso, a iniciativa da Editora Moraes, publicando o presente volume com as **Conferências sobre educação infantil** de Makarenko, merece os melhores aplausos e será de enorme valia para a extensão desse conhecimento e desse estudo sobre Makarenko entre os educadores brasileiros. Tratando-se essencialmente de um texto destinado aos pais soviéticos, com o objetivo de disseminar práticas de educação familiar compatíveis com a sociedade socialista em construção, amplia-se enormemente o número de interessados neste texto, que é excelente material para discussão com grupos familiares, nos diversos trabalhos de organização popular. Tal utilização do texto é ainda facilitada pela simplicidade da tradução de Maria Aparecida Abelaira Vizotto que, sem perda de rigor, torna a leitura fluente e agradável. Por isso e pelo reconhecimento do valor da obra pedagógica de Makarenko, acedemos com prazer ao convite da Moraes para que fizéssemos a apresentação deste volume, ressaltando ser ela, não um estudo analítico do texto publicado ou da obra do autor, em geral, mas uma simples referência despretensiosa à sua vida e obra, com o objetivo de situá-las para seus novos leitores. É lamentável que, dado as limitações conhecidas de nossa vida política e cultural, onde apenas começamos a romper as barreiras do obscurantismo e da repressão, autores do vulto de Makarenko

tenham ficado inacessíveis a nossos estudantes e educadores. Quando se pensa, todavia, que até mesmo a obra de Paulo Freire, o maior educador brasileiro de todos os tempos, foi até ontem e durante anos banida de nossos cursos de pedagogia, compreende-se a importância dessa retomada e recuperação de tempo no estudo de todos os educadores e cientistas que, na história da luta pela organização da classe trabalhadora, contribuíram para a formulação de uma educação revolucionária. Makarenko, entre eles, merece lugar destacado.

Makarenko nasceu na Ucrânia, em 13 de março de 1888. Filho de operários — seu pai era um pintor que trabalhava para a Ferrovia —, cresceu em ambiente proletário, em meio ao ativo movimento de organização dos trabalhadores que caracterizou as décadas pré-revolucionárias na Rússia e levou aos acontecimentos de 1905 e à violenta repressão czarista. Esta, apesar de toda a selvageria de que se revestiu, não foi suficiente para interromper o processo de ascensão política do operariado que culminaria com a grande Revolução de Outubro de 1917.

Foi, pois, em meio às lutas operárias e à agitação partidária que o educador se forjou, assumindo desde logo seu compromisso com a classe trabalhadora revolucionária que marcará toda sua vida e seu trabalho. Makarenko soube-se filho de operários desde quando começa a viver. Seus pais depositavam grandes esperanças nos estudos do jovem Anton, mas não a confiança ingênua dos que anseiam para os filhos um identificar-se com as classes "superiores". O pai lhe diria com toda a gravidade que "a escola não era para ele, filho de operários" e que, se pretendesse continuar seus estudos, deveria tirar sempre as melhores notas. "Você precisa mostrar a eles", o velho Makarenko costumava lembrar. Anton foi sempre um estudante destacado. Após os estudos secundários, cursou a Escola Normal. Recém-formado, começou a lecionar em Kraiukovo, uma pequena comunidade de operários ferroviários, com os quais tanto se identificava. Nesse primeiro trabalho, Makarenko esclareceria para si próprio a importância da definição política do educador. A prática pedagógica é também, sempre, uma prática política. Diria, anos após, sobre esse período: "O ambiente na escola ferroviária onde eu ensinava era infinitamente mais puro do que em outros lugares. Uma sociedade de trabalhadores, uma verdadeira sociedade proletária, mantinha a escola firmemente em suas mão." A escola czarista, lá, havia se transformado, pela ação concreta dos professores e estudantes proletários, na "escola do povo".

Durante os anos imediatamente anteriores à Revolução de Outubro, Makarenko completou seus estudos no Instituto de Pedagogia de Potalva, habilitando-se ao magistério secundário e à direção de escolas. Graduou-se, com honra, completando durante o curso sua formação pedagógica, ao mesmo tempo em que se aprofundava na leitura dos clássicos da tradição revolucionária. Um mês antes da Revolução, assumiu seu primeiro cargo de direção numa escola secundária.

A transformação revolucionária da sociedade russa — a mais extraordinária e dramática transformação das condições econômicas e políticas da organização da sociedade levada a efeito na história humana — implicou numa concepção antropológica inteiramente nova, sendo a educação chamada a contribuir na criação de um novo ideal humano — o "homem novo" para o socialismo. Como a Revolução não é a mudança "automática" e "mágica" da sociedade, mas apenas o momento de ruptura em direção a essa mudança, na educação, como aliás em todas as demais áreas do social, tudo estava por ser feito, por ser criado e recriado, a partir de uma nova "concepção de mundo" da classe trabalhadora, iluminada pelo marxismo.

Foi em tal clima, a um tempo desafiador e estimulante, que Makarenko desenvolveu seu trabalho pedagógico, que, sem ambigüidades, ele sempre concebeu como sua contribuição e seu engajamento na luta pela construção do socialismo. Makarenko assumiu sua parcela nessa tarefa dedicando sua vida à elaboração prático-teórica de uma pedagogia comunista. Em 1920 Makarenko é incumbido da organização e direção de uma colônia para crianças abandonadas — órfãos de guerra, jovens delinqüentes, toxicômanos, prostitutas, uma população lúmpen nas condições mais precárias. Essa instituição extraordinária, onde tudo realmente estava por ser feito, a começar pela própria viabilização das instalações precárias que lhe estavam destinadas e que Makarenko vai transformar trabalhando com seus internos, será a Colônia Máximo Gorki, próxima a Potalva, onde, a partir de sua vivência concreta, o educador formulará sua proposta pedagógica abrangente e engajada. O próprio Makarenko descreveu detalhadamente no **Poema pedagógico** suas experiências nessa instituição que se transformou para ele próprio numa nova escola concreta, onde a prática diária, analisada a partir de suas concepções socialistas, lhe ensinaria mais que todas as teorias pedagógicas, ainda essencialmente burguesas, que lhe haviam sido apresentadas na Universidade. A partir desse texto, pode-se traçar um perfil intelectual e pedagógico de Makarenko.

As idéias centrais de Makarenko não poderiam ficar imunes às influências de seu tempo, um tempo em que de todos os lados se levantavam ameaças ao desenvolvimento da experiência soviética, ameaças consubstanciadas por pressões as mais variadas, desde a presença de inúmeros exércitos invasores no território soviético até o total isolamento econômico, político e cultural imposto pelos países capitalistas. Consistentemente, certos temas se renovarão nas obras do educador, e, essencialmente, as **Conferências** que ora apresentamos retornam a cada um deles. Em primeiro lugar, há em Makarenko uma enorme crença na organização e na autoridade — uma autoridade forte e politicamente engajada, que sabia exatamente o que deveria ser feito, e que, na educação, estava representada por pais e mestres que ofereciam as diretrizes fundamentais às atividades de filhos e estudantes. Esse caráter forte da autoridade em Makarenko pode ser percebido, de forma marcante, nas conferências agora publicadas. Leve-se em conta, no entanto, que Makarenko repudia o simples arbítrio e incentiva um assumir-se responsável e organizado do educando. Também em seu trabalho na Colônia Gorki, ele sempre procurara desenvolver formas participatórias de gestão, como instrumento para a superação do simples autoritarismo. Makarenko, recebendo grupos de jovens delinqüentes, respeitava inicialmente a estrutura de poder "naturalmente" instalada entre seus internos. Organizando o trabalho coletivo do grupo, entretanto, ele mostrava a seus membros que havia outra maneira de organizar a vida social além da mera predominância do mais forte, que ocorria quando o grupo era deixado a si próprio. Impondo sua autoridade, sem negar aos internos o direito de participarem da discussão de cada problema e mesmo relacionando-se com o grupo através de seus líderes "naturais", ele estava ao mesmo tempo pondo em evidência o individualismo e o caráter injusto de tais "autoridades", apenas pretensamente "naturais", e preparando as condições para o advento da democracia e da direção coletiva. Na Segunda Conferência, em que o tema da autoridade é central, vê-se, também no ambiente familiar, essa preocupação de se preservar a autoridade evitando-se o autoritarismo.

Outras idéias essenciais à proposta pedagógica de Makarenko são o trabalho e o coletivo. A colocação do trabalho como elemento central do processo pedagógico é essencial à toda tradição revolucionária socialista e configurou-se em sua forma mais acabada na chamada "Escola do Trabalho" na União Soviética, de que foram pioneiros, entre outros, Krupskaia, Sholguin, Pis-

trak e Makarenko. Na Quinta Conferência, o tema é trazido para o seio da família. Nota-se aí um Makarenko que, deixando de ser o defensor da remuneração em dinheiro do trabalho produtivo desenvolvido pelo estudante no processo de aprendizado, posição que assumira quanto à "Escola do Trabalho" e lhe valera acerbas críticas dos "puristas" da ética socialista, mostra-se, de modo mais concorde à tradição socialista, contrário à estipulação prévia de recompensas ou castigos para os trabalhos das crianças no âmbito familiar. Além disso, é constante um apelo à moderação permanente quanto a elogios e demonstrações afetivas, como antídoto ao desenvolvimento de sentimentos individualistas entre as crianças. A educação soviética para Makarenko era sempre a educação do indivíduo e do cidadão. O coletivo devia receber toda a prioridade sobre o individual. Para ele, não poderia haver educação senão na coletividade, através da vida e do trabalho coletivo.

Permeia todas as conferências uma "ética socialista", imbuída, diríamos, de um excesso de certeza. Temas como a valorização da mulher na sociedade familial, a ênfase no coletivo, a dignidade do trabalho, do esforço comum, a organização familial, a pátria socialista e que tais, estão sempre presentes, e, embora em muitos momentos sejam introduzidos e analisados com propriedade, a sensação global é de uma certa mística que, levando ao emocional, tende a elidir a possibilidade de discussão mais profunda e questionadora das próprias contradições a que não está imune. Algo assim como o "realismo socialista" que dominou a literatura e as artes no mesmo período. A abordagem da educação sexual, na Oitava Conferência, resvala ao moralismo. Essa "certeza", essa falta de dúvidas, esse "receituário", embora passíveis de análise crítica, não deixam de ter seu lado estimulante quando, na educação contemporânea, nos enredamos num relativismo que, absolutizado, não leva à tolerância e incorporação de diferentes contribuições, mas tão-somente ao imobilismo. É o caso de se buscar novas sínteses, menos certas, talvez, mas seguramente mais capazes de levar à ação transformadora.

Realmente, as conferências pedagógicas de Makarenko, desenvolvidas em Moscou, em 1937, portanto no ápice da carreira do educador e pouco tempo antes de sua morte prematura em 1939, constituem-se em material grandemente estimulante, a partir do qual muitas questões hoje relevantes para a educação popular no Brasil podem ser colocadas ganhando novas dimensões. Makarenko, anteriormente a elas, havia publicado, além do

Poema pedagógico, **Bandeiras sobre as torres** e o **Livro dos pais**, este também destinado à educação familiar, além de inúmeros artigos pedagógicos e literários. Havia, ainda, dado seqüência ao **Poema pedagógico**, com uma nova novela, **Aprendendo a viver**. Toda sua obra está umbilicalmente ligada à sua atividade prática, primeiro na Colônia Máximo Gorki e, depois, como diretor da Comunidade Infantil de Trabalho Felix Dzershinsky, em Yarkov, onde trabalhou de 1928 a 1936. Na primeira dessas instituições, Makarenko havia desenvolvido sua pedagogia, que aplicaria, em toda sua extensão, na Comunidade Dzershinsky.

A obra pedagógica de Makarenko não tem paralelo no universo socialista. Desde seu despertar político, o educador compreendeu a importância da ação prática, e, mais que isso, a dialética necessária entre a compreensão crítica da realidade e sua transformação revolucionária pela ação dos homens. "A compreensão da história", diria ele, sobre o período de sua formação educacional e política, "nos foi dada pela educação bolchevique e pelos eventos revolucionários." Por isso, Makarenko era um educador, mas um educador que compreendia o caráter político da educação. Em outras palavras, um educador para quem educar era também, e essencialmente, politizar.

A educação socialista, é óbvio, não se esgota com Makarenko. Além dos demais participantes da "Escola do Trabalho" na União Soviética, dentre os quais destaca-se a obra de Pistrak, é necessário que se considerem inúmeras outras contribuições. Em primeiro lugar, os clássicos, especialmente Marx. E para compreendê-lo, os socialistas pré-marxistas: Robert Owen e sua escola em New Lanark, alternando trabalho e escolaridade; Fourier, lançando as bases da psicossociologia pedagógica; Saint-Simon, valorizando a "indústria". Também as outras vertentes do socialismo, em especial os libertários, com Bakunin e a instrução integral; Proudhom e sua filosofia do trabalho; os experimentos pedagógicos de Faure em La Ruche, Robin em Campuis e a Escola Moderna de Ferrer em Barcelona. Ainda seria importante considerar outros pedagogos e pensadores que, fora do movimento propriamente socialista, contribuíram para superar uma perspectiva educacional escolástica, fazendo da educação um verdadeiro movimento de busca, como os realistas franceses, especialmente Rabelais e Montaigne e o mais dialético entre os grandes pedagogos, Jean-Jacques Rousseau. Mas a obra de Makarenko representa um momento importante na elaboração da pedagogia socialista, assim como, no Ocidente, o representam também trabalhos como o de Celestin Freinet e Paulo Freire.

Incorporando-se criticamente a contribuição de Makarenko, sem mitificá-la, e tendo-se sempre presente as condições de sua criação, sob as limitações do stalinismo, teremos mais condições de compreender e aproveitar muitas das propostas contemporâneas por uma educação socialista, e bem assim ampliar o debate sugestivo entre os educadores comprometidos com a classe trabalhadora — envolvendo nomes como Snyders, Manacorda, Lautier e Tortajada, Nidelcoff, Baudelot e Stablet, Vasconi e tantos outros — na busca pela elaboração de uma verdadeira pedagogia do trabalho, a um tempo uma pedagogia dos trabalhadores e a contra-facção à pedagogia do capital, à qual, numa situação de hegemonia burguesa, aqueles estão submetidos. É a esse desafio a que todos os educadores críticos se lançam no Brasil que a presente iniciativa editorial vem trazer novos elementos. Esperemos que de sua discussão e incorporação crítica resultem benefícios para o povo.

Ribeirão Preto, janeiro de 1981.

Wagner Gonçalves Rossi*

(*) Wagner Gonçalves Rossi é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e autor de **Capitalismo e educação** (2.ª ed., Editora Moraes, 1980) e **A pedagogia do trabalho** (Editora Moraes, 1981).

Primeira Conferência

CONDIÇÕES GERAIS DA EDUCAÇÃO FAMILIAR

Queridos pais:

A educação das crianças é a tarefa mais importante da nossa vida. Nossos filhos são os futuros cidadãos do país e do mundo. Eles serão os forjadores da história. São os futuros pais e mães e, ainda mais, serão os educadores de seus filhos. Devemos empenhar-nos para que se transformem em excelentes cidadãos, em bons pais. Eles representam também a esperança de nossa velhice. Uma educação correta nos propiciará uma velhice feliz, enquanto que uma educação deficiente será para nós uma fonte de amarguras e de lágrimas além de nos tornar culpados diante de todo o país.

Queridos pais: não nos devemos esquecer da nossa responsabilidade pelo cumprimento correto dessa importante tarefa.

Hoje damos início a um ciclo de conferências sobre educação familiar. Seus diferentes aspectos — a disciplina e a autoridade paterna, o jogo, a alimentação e o vestuário, a urbanidade, etc. — são todos muito importantes e seu desenvolvimento, exigindo métodos adequados, será tratado mais adiante de maneira mais detalhada. Hoje consideraremos previamente algumas questões de importância geral, vinculadas a todos esses aspectos, e que precisam ser consideradas.

Antes de tudo, estabeleçamos com clareza o fato de que educar a criança correta e normalmente é mais fácil que reeducá-la. Uma educação correta a partir da mais tenra idade não é tarefa muito difícil como muitos acreditam. Não há pai nem mãe que não possa realizá-la com facilidade se realmente nela se empenha, e, por outro lado, é uma tarefa gratificante, agradável, feliz. Outra coisa totalmente diferente é a reeducação. Se o processo educativo foi cheio de falhas ou omissões sérias, se houve procedimentos improvisados e conseqüentemente negligência ou superficialidade, será necessário corrigir muito, reformar. E a tarefa de correção, de reeducação, por si mesma, já não é um assunto fácil. Exige esforços, conhecimentos e paciência que nem todos os pais possuem. Em determinados casos, a família sente-se

impotente para vencer as dificuldades da reeducação e se vê impelida a internar o filho ou a filha numa colônia de trabalho. Na maioria das vezes a própria colônia de trabalho já não pode fazer nada e, em decorrência, o resultado é um homem inadaptado para a vida. E no caso em que a reforma seja considerada eficaz e dela resulte um homem trabalhador, todos se sentirão satisfeitos porque o que aparecerá é a parte positiva, mas ninguém poderá imaginar tudo o que se perdeu. Se a educação do mesmo indivíduo tivesse sido correta desde o começo, evidentemente teria aproveitado mais experiências construtivas da vida e estaria melhor dotado, mais preparado e, conseqüentemente, seria mais feliz. Além disso o trabalho de reeducar, de reformar, não só é difícil mas também penoso. Mesmo no caso de êxito completo, traz, constantemente, amarguras aos pais, desgasta seu sistema nervoso e altera, com freqüência, seu caráter.

Recomendamos aos pais que se lembrem sempre da necessidade de educar de tal forma que não seja preciso reformar mais tarde, que tudo seja feito corretamente desde o começo.

Muitos erros no trabalho familiar se devem ao fato de que os pais se esquecem de que os tempos são outros. Atuam como bons cidadãos da União Soviética, como membros de uma sociedade nova, socialista, em seu emprego e na sociedade, mas em sua casa, com as crianças, vivem à moda antiga. Contudo não se pode afirmar que na velha família pré-revolucionária tudo andava mal, algumas de suas modalidades podem ser adotadas ainda hoje, mas é preciso lembrar sempre que nossa vida, quanto aos princípios que a sustentam, difere muito da antiga. Vivemos em uma sociedade sem classes, sociedade essa que, atualmente, existe apenas na URSS, estamos diante de grandes lutas contra a burguesia agonizante e sendo conduzidos para uma grande construção socialista. Nossos filhos devem transformar-se em construtores ativos e conscientes do comunismo.

Os pais devem pensar em que se diferencia a família soviética de hoje da antiga. Antes, por exemplo, o pai tinha mais poder e os filhos viviam submetidos ao seu arbítrio descontrolado sem poder evitar a sua autoridade. Muitos abusavam dela e tratavam os filhos com crueldade, despoticamente. O Estado e a Igreja Ortodoxa sustentavam essa autoridade porque era o que convinha para uma sociedade de exploradores. Em nossa família, ao contrário, a situação é diferente. A menina, por exemplo, não ficará à espera de que os pais lhe arranjem um noivo, mas isso não quer dizer que nossa família não possa orientar os sentimentos de seus filhos. Mas é evidente que essa orientação já não

pode ater-se aos mesmos métodos e deve procurar elaborar outros novos, adequados aos nossos princípios.

Na sociedade antiga, cada família pertencia a uma classe, e seus filhos normalmente tornavam-se herdeiros dessa classe. O filho do camponês se tornava camponês e o do operário, operário. Nossos filhos, entretanto, têm ampla liberdade para escolher, uma vez que somente a sua capacidade e preparação é que têm papel decisivo na escolha e não os privilégios materiais da família. Isso quer dizer que nossos filhos gozam de possibilidades incomparáveis. Tanto os filhos como os pais sabem disso. Nessas condições, qualquer arbitrariedade paterna é impraticável e torna-se necessário imprimir uma orientação mais racional, cuidadosa e hábil.

A família deixou de ser patriarcal. Nossa mulher goza dos mesmos direitos do homem, e os da mãe são iguais aos do pai. O lar não está submetido à autocracia paterna, constitui, isso sim, uma coletividade soviética. Os pais possuem nele certos direitos. Baseados em quê?

Antigamente pensava-se que a origem da autoridade paterna era celestial: a vontade de Deus e um mandamento especial prescreviam a obediência aos pais. Os sacerdotes explicavam isso nas escolas e ensinavam às crianças a maneira como Deus castigava cruelmente aqueles que não obedeciam a seus pais. No Estado soviético não enganamos as crianças. Os pais possuem autoridade no seio de sua família porque são responsáveis por ela diante da sociedade e da lei. Embora todos os seus integrantes constituam uma coletividade de membros sociais que gozam de direitos iguais, a diferença está em que os pais é que a dirigem enquanto os filhos procuram adaptar-se a ela.

Os pais devem ter um conceito muito claro de tudo isso. Cada um deve compreender que não é o amo absoluto da família, mas apenas o membro maior e o mais responsável. Se este pensamento é compreendido de maneira justa, todo o trabalho educativo se desenvolverá corretamente.

Sabemos que tal tarefa nem sempre se desenvolve com o mesmo êxito. Depende de muitas causas, principalmente da aplicação de métodos educativos corretos, mas o fator preponderante é a organização da família, sua estrutura. E isso, sob certos aspectos, depende da nossa vontade. Pode-se afirmar categoricamente, por exemplo, que a educação de um filho único é um trabalho muito mais difícil que o de educar vários filhos. Mesmo quando a família passa por problemas financeiros não deve limitar-se a um só filho. O filho único transforma-se imediatamente

no centro da família. Acarreta aos pais preocupações que normalmente ultrapassam os limites normais. O amor paterno caracteriza-se nesses casos por uma certa inquietação. A doença dessa criança ou a sua morte incidem de forma muito penosa sobre os pais e só o fato de temerem semelhante desgraça faz com que eles fiquem permanentemente muito preocupados, levando-os a se privarem da tranqüilidade de que necessitam. Com muita freqüência o filho único acostuma-se com sua situação privilegiada e se transforma num verdadeiro déspota da família. Para os pais costuma ser muito difícil equilibrarem-se entre o carinho e a preocupação que sentem por ele e sem querer formam um egoísta.

Só numa família com vários filhos a preocupação paterna pode ter um caráter normal e distribuir-se igualmente com todos. Numa família numerosa, a criança acostuma-se desde pequena à vida coletiva, adquire a experiência da vinculação recíproca, e entre os maiores e menores cria-se um clima de amizade e carinho. Em tais condições a vida proporciona à criança possibilidade de exercitar-se nas mais diferentes formas de relacionamento humano. Ela tem oportunidade de experimentar vivências que são impossíveis de serem conseguidas pelo filho único: o amor pelo irmão maior e pelo menor — que são sentimentos completamente diferentes — e a capacidade de repartir com eles as coisas e o afeto. Numa família numerosa a criança acostuma-se, a todo instante, inclusive nas brincadeiras, a viver em um ambiente social, o que constitui um fator muito importante para a educação soviética. Na família burguesa esse problema não tem a mesma importância, porque toda a sociedade está estruturada sobre um princípio egoísta.

Há também outros casos de família incompleta. São aqueles em que os pais se separam. Esta situação se reflete de maneira bastante prejudicial na educação da criança, sobretudo quando os pais o transformam em objeto de disputa e não conseguem esconder uma animosidade recíproca.

Quando um casamento está para ser desfeito, ambos os cônjuges deveriam pensar em seus filhos. Quaisquer que sejam as diferenças, deverão ser resolvidas de maneira discreta e, concluída a separação, esconder dos filhos a hostilidade e o rancor pelo ex-cônjuge. Quando um pai abandona sua família, de fato já não pode continuar tendo sob sua responsabilidade a educação dos filhos e, por não poder influir de maneira benéfica em sua família anterior, será melhor que faça tudo para que o esqueçam; será mais honesto. Entretanto, isso não significa que ele não deva

cumprir suas obrigações materiais para com os filhos abandonados.

O problema da estrutura familiar é muito importante e deve ser encarado conscientemente. Se os pais têm, de fato, verdadeiro carinho por seus filhos e querem educá-los da melhor maneira possível, tentarão evitar que suas incompatibilidades os levem à separação, que sempre cria para as crianças uma situação difícil.

Outro problema que exige atenção especial é o dos objetivos da educação. Observa-se, com freqüência, total despreocupação nesse sentido: os pais limitam-se simplesmente a conviver com seus filhos e acham que tudo será resolvido por si mesmo. Não têm propósitos claros e um programa definido. É lógico que em tais condições os resultados sejam sempre contingentes, e nada impede que mais tarde os pais venham a se assustar com os defeitos de seus filhos. Nenhuma tarefa pode ser realizada de forma completa se não se sabe quais são seus objetivos.

Todo pai e toda mãe devem saber claramente o que é que se propõem para a educação de seus filhos. Devem estabelecer primeiramente, com clareza, quais são as suas aspirações com relação aos filhos. Desejam formar um verdadeiro cidadão do país soviético, um homem preparado, enérgico, honesto, fiel a seu povo e à causa revolucionária, trabalhador, corajoso, educado? Ou desejam que a criança se transforme em um pequeno-burguês ávido, covarde, em um homem de negócios astuto e mesquinho? Será suficiente parar e meditar bastante sobre isso para perceber de imediato os inúmeros erros que se cometem e os caminhos corretos que devem ser seguidos.

Ao mesmo tempo, a paternidade não se reduz à educação dos filhos e não deve ser um motivo de alegria pessoal. O filho que se forma sob nossa orientação é o futuro cidadão, o homem que participará ativamente na vida social, o lutador. Se o educamos mal, o prejuízo não será unicamente nosso mas também do país. Não podemos deixar de atentar para esse aspecto e considerá-lo simplesmente como algo secundário. Quando em nossa fábrica ou estabelecimento produzimos artigos inferiores, envergonhamo-nos deles. Quanta razão a mais teremos para nos sentirmos envergonhados no momento em que produzirmos para a sociedade homens deficientes ou maléficos!

É preciso meditar com um pouco mais de seriedade sobre esse problema para percebermos sua importância e deixar de lado muitas das conversas supérfluas sobre educação, como também decidir rapidamente o que deve ser feito. Mas nem todos os pais

refletem sobre esse problema. Amam seus filhos, gostam de sua companhia e se sentem orgulhosos deles, mas se esquecem completamente da sua responsabilidade moral para com a formação do futuro cidadão.

Por acaso, pode pensar nisso um pai que é um mau cidadão, que não se interessa pela vida de seu país, por suas lutas e seus sucessos, que não se preocupa sequer com os ataques do inimigo? Claro que não. Mas não vale a pena ficar falando de tais pessoas; não há muitas delas em nosso país.

Além disso, há também outra classe de pessoas: as que no trabalho e no ambiente social se sentem cidadãos, mas são indiferentes aos problemas domésticos; em casa, limitam-se a não falar sobre os problemas ou, ao contrário, comportam-se de forma indigna de um cidadão soviético. Antes de começar a educação dos filhos deve rever a sua própria conduta.

Não se devem separar as questões familiares das sociais. A atividade que se realiza no trabalho ou no ambiente social deve refletir-se também em casa, pois a personalidade civil e política do pai deve aparecer identificada com a familiar. Todos os sucessos do país devem chegar às crianças através do espírito e pensamento paternos. Tudo o que se passa na fábrica, as coisas promissoras ou aflitivas, deve interessar também aos filhos. Estes devem saber que o pai é um homem de atuação social e devem orgulhar-se dele, de seus êxitos e de seus méritos junto à sociedade. Mas esse orgulho será sadio se compreenderem a sua essência social e não se envaidecerem simplesmente porque o pai tem uma bela roupa, um automóvel ou uma espingarda de caça.

A conduta pessoal dos pais é um fator decisivo. O exemplo é o melhor método educativo. Não se pense que se educa a criança somente quando se conversa com ela, ou quando se lhe ensina ou se lhe ordena alguma coisa. O pai a educa em todos os momentos, inclusive quando está ausente. A forma pela qual se veste, conversa com os outros ou fala deles, exterioriza sua alegria ou sua tristeza; o trato com os amigos e com os adversários, a maneira de rir, ler um jornal, tudo isso tem para a criança uma grande importância. O pequeno percebe ou sente a menor modificação no modo de ser do pai; todas as alternativas do seu pensamento lhe chegam por vias invisíveis, imperceptíveis à primeira vista. Se o pai se comporta em casa de maneira grosseira ou presunçosa, se fica embriagado ou, ainda pior, se ofende a mãe, provoca com isso grandes danos aos filhos, estará educando-os mal, e sua conduta indigna terá conseqüências bastante lamentáveis.

O respeito paterno à família, o controle de cada ato seu, o cumprimento do próprio dever, constituem o primeiro e mais importante método de educação.

Existem também pais que acreditam poder encontrar alguma receita educativa engenhosa e que assim o problema fica resolvido. Pensam que, por meio dessa receita, um vagabundo pode ser educado de maneira correta, que um patife pode ser transformado em cidadão honesto, e um mentiroso poderá ser uma criança que dirá sempre a verdade. Tais milagres não acontecem. Não existe receita válida quando o educador não tem as mínimas condições necessárias.

Em primeiro lugar, é preciso prestar atenção nos próprios defeitos e deixar de lado os presunçosos recursos das artimanhas pedagógicas. Infelizmente há pessoas que acreditam nelas. Alguém inventa um castigo especial, outro apela para prêmios, um terceiro se faz de engraçado para divertir as crianças, um outro ainda os seduz com promessas.

A educação exige uma atitude séria, simples e sincera. Estas são as qualidades que devem fazer parte da nossa vida. A menor falsidade, artifício, palhaçada ou futilidade condenam a tarefa educativa ao fracasso. Isto não significa que se deva estar sempre sério, afetado; é preciso apenas ser sincero, e que o estado de ânimo corresponda ao momento e à essência do que acontece na família.

Os artifícios dissimulam a realidade e entretêm os pais, fazendo com que eles percam tempo. E não são poucos os que se queixam da falta de tempo.

Dessa forma, é saudável que os pais fiquem com seus filhos com mais freqüência, porque é muito prejudicial vê-los raramente. Isso, porém, não quer dizer que não se deva largá-los um só minuto. Esse tipo de educação só pode ser prejudicial: desenvolve um caráter passivo, as crianças acostumam-se muito com a companhia dos adultos e seu crescimento espiritual se acelera. Os pais costumam vangloriar-se disso, mas mais tarde se convencem de que erraram.

É preciso saber o que fazem, onde se encontram, com quem andam as crianças, mas também deixá-las com liberdade suficiente para que não fiquem exclusivamente sob a influência pessoal do pai, e além disso que entrem em contato com as diferentes influências da vida. Não é verdade que se deva resguardá-las das influências negativas e mais ainda das desagradáveis. De qualquer maneira, na vida, terão que enfrentar as mais diferentes tentações, os homens e as circunstâncias mais estranhas e

prejudiciais. Temos que formar na criança a capacidade de orientar-se no meio deles, de lutar contra eles e de aprender a conhecê-los quando houver oportunidade. Com uma educação em redoma de vidro, com o isolamento, é impossível formar essa capacidade. É por isso que para atingir esse objetivo é interessante que a criança conviva em diversos ambientes, não se descuidando, porém, da necessária vigilância.

É preciso auxiliar as crianças enquanto é tempo, impedi-las oportunamente de se desviarem e orientá-las. É uma tarefa em que a constância exerce um papel decisivo, porém sem chegar ao extremo de, como se costuma dizer, levar a criança pela mão. (Oportunamente, voltaremos ao assunto com mais detalhes.) A educação não exige muito tempo, o que importa é o seu aproveitamento racional. E já aqui vale a pena repetir mais uma vez: a educação está sempre presente, mesmo quando os pais estão ausentes de sua casa.

A verdadeira essência do trabalho educativo não consiste na realidade — como provavelmente já se terá observado — nas conversas com a criança, na influência direta sobre ela, mas na organização da família, na organização da vida da criança e no exemplo que se lhe oferece da nossa própria vida pessoal e social. O trabalho educativo é antes de tudo um trabalho de organização. E por isso este assunto não admite mesquinharia. Nunca se deve considerar alguma coisa dessa maneira e relegá-la ao esquecimento. É um grande erro pensar que se deve concentrar a atenção em algo que se julga muito importante, deixando o resto de lado. Na tarefa educativa não existe mesquinharia. Uma fita que se amarra aos cabelos de uma menina, um chapeuzinho, um brinquedo, são coisas que podem ter uma grande importância em sua vida. Uma organização correta consiste precisamente em não omitir os menores detalhes e circunstâncias. As minúcias atuam com regularidade, diariamente, em todas as horas, e são as componentes da vida. Orientar e organizar essa vida é o problema de maior responsabilidade de um pai.

Em conferências posteriores examinaremos os diferentes métodos da educação familiar de forma mais detalhada. A de hoje foi uma introdução.

Resumindo o que foi dito:

A educação deve ser correta desde o início, para que mais tarde não seja necessário reeducar, o que se torna muito mais difícil.

É preciso lembrar que se orienta a nova família soviética. Dentro do possível deve-se procurar uma estrutura correta.

É necessário que se formulem objetivos e programas precisos para a tarefa educativa.

Ter sempre presente que a criança não é somente um motivo de alegria para os pais, mas que é também o futuro cidadão, aquele que leva consigo uma responsabilidade para com o país.

É preciso, antes de tudo, que o pai seja, ele próprio, um bom cidadão e infunda o sentido da própria dignidade cívica na família.

É preciso propor as mais severas exigências com relação à própria conduta.

Não se deve confiar em nenhuma espécie de receitas nem artifícios. Deve-se ser sério, simples e sincero.

É um erro pensar que a educação exige muito tempo; é preciso saber orientar a criança e não colocá-la à margem da realidade.

O mais importante da tarefa educativa é a organização da vida familiar, devendo-se levar em consideração, atentamente, todos os detalhes.

Segunda Conferência

A AUTORIDADE PATERNA

Na conferência anterior dizíamos que a família soviética difere muito da família burguesa. Antes de tudo, essa diferença se baseia no caráter da autoridade paterna. A sociedade conferiu aos pais a missão de formar os futuros cidadãos de nossa pátria, e a responsabilidade que isso significa serve de base para o conceito que os seus filhos têm da sua autoridade.

No entanto, seria incômodo lembrar constantemente no seio da família tal atribuição social. A educação infantil começa na idade em que nenhuma demonstração lógica nem alegações de direitos são possíveis.

Finalmente, o próprio sentido da autoridade consiste justamente no fato de que não exige demonstrações, de que é aceita como uma dignidade indubitável do chefe, cujo valor e gravitação se impõem espontaneamente ao espírito da criança.

O pai e a mãe devem ter essa autoridade, pois sem ela é impossível educar. Entretanto escutamos com freqüência a pergunta: o que se deve fazer quando uma criança não obedece? Exatamente este "não obedece" é um sinal de que os pais não têm autoridade sobre ela.

De onde vem a autoridade paterna, como se estrutura?

Os pais cujos filhos "não obedecem" inclinam-se às vezes a pensar que a autoridade provém da natureza, que é um dom especial. Se não se tem esse dom, não há nada a fazer senão invejar quem o possui. É um erro. A autoridade pode ser constituída em cada família, coisa que, por outro lado, não é uma empresa difícil.

Infelizmente há pais que tentam solidificá-la sobre bases falsas. Seu objetivo se reduz a que os filhos lhes obedeçam. É evidente que se trata de uma falta grave. A autoridade e a obediência não podem instituir-se como fins em si mesmas, já que o único fim que se persegue é o de uma educação correta. A obediência deve ser considerada apenas como um dos caminhos para esse fim. Os que perseguem a obediência pela obediência mesma são os pais que não compreendem, ou não pensam nos verdadeiros objetivos da educação. Fundamentam sua tranqüilidade

na obediência dos filhos. Isto constitui o seu verdadeiro objetivo. É claro que, nesses casos, nem a tranqüilidade nem a obediência perduram muito. Uma autoridade estruturada sobre bases falsas dura pouco tempo, termina logo; não sobra nem autoridade, nem obediência. Às vezes consegue-se a obediência, mas os outros objetivos da educação ficam em último plano: na verdade, formam-se homens obedientes, mas fracos.

Existem muitas espécies de falsa autoridade. Examinaremos aqui mais ou menos detalhadamente uma dezena. Esperamos que depois dessa análise seja mais fácil esclarecer as condições da verdadeira autoridade.

Autoridade da repressão. É a mais temida, embora não seja a mais desastrosa. Os que mais sofrem com ela são os próprios pais. Na verdade, a autoridade da repressão traduz-se num pai que sempre grita e repreende, por qualquer coisa começa a dizer impropérios, por qualquer motivo lança mão da vara ou de uma correia, responde a qualquer pergunta com grosseria e castiga qualquer falta da criança. Esse tipo de terror paterno mantém atemorizada toda a família; não só as crianças, mas também a mãe. É prejudicial porque, além de intimidar as crianças, transforma a mãe num ser nulo, qualificada somente para ser empregada. Não se pretende mostrar com muitos exemplos que semelhante autoridade é prejudicial. Ao invés de educar, limita-se apenas a habituar as crianças a se manterem longe do terrível pai; provoca a mentira infantil e a covardia e, ao mesmo tempo, faz com que se desenvolva na criança a crueldade. Crianças oprimidas e inertes transformam-se mais tarde em homens insignificantes e sem personalidade própria, durante toda a vida tornam-se déspotas vingativos e isto como decorrência de uma infância oprimida. É a autoridade mais selvagem e se encontra somente entre pais muito incultos; felizmente, nos últimos tempos, esse tipo já quase não existe.

Autoridade do distanciamento. Há pais que estão seriamente convencidos de que se consegue obediência não propiciando contatos ou conversas com as crianças, mas mantendo-se à distância, dirigindo-se a elas somente através da sua autoridade. Esta forma era do agrado de algumas velhas famílias de intelectuais. Comumente, nesses casos, o pai se isola em seu escritório, de onde sai, raras vezes, como um ente sagrado. Come separado, distrai-se sozinho, e, no seu isolamento, chega ao ponto de transmitir suas resoluções por intermédio da mãe. Há

também mães desse tipo: preocupam-se principalmente com sua vida pessoal, com seus próprios interesses e pensamentos. As crianças ficam por conta da avó ou de uma empregada.

Felizmente pode-se dizer que esse tipo de autoridade não é útil e que uma família em semelhantes condições necessita de organização racional.

Autoridade da presunção. É um tipo especial da autoridade do distanciamento, mas muito mais prejudicial. Todo cidadão do Estado soviético tem seus méritos. Mas alguns acreditam que os seus são os mais valiosos e adotam uma atitude de importância diante dos próprios filhos. Sua atitude em casa é ainda mais vaidosa que no trabalho e não fazem outra coisa senão falar dos seus proeminentes cargos pessoais, tratando os outros com altivez. É natural que as crianças, influenciadas por tal atitude, comecem também a dar grande importância a si mesmas. Gabam-se sempre diante dos companheiros repetindo a todo o momento: meu pai é chefe, meu pai é escritor, meu pai é comandante, meu pai é uma pessoa notável. Nessa atmosfera de soberbia, o importante pai perde a capacidade de discernir para onde vão seus filhos, e a quem está educando. Entre as mães também se encontra este tipo de autoridade: um vestido especial, uma relação importante, uma viagem a uma estação de água, tudo isso serve como motivo para jactar-se, para afastar-se dos outros e de seus próprios filhos.

Autoridade do pedantismo. Neste caso, os pais dedicam mais atenção aos filhos que no caso anterior; trabalham mais, porém o fazem como burocratas, convencidos de que sua palavra é sagrada e de que os filhos devem escutá-la com devoção. Usam um tom frio para comunicar suas resoluções, as quais, uma vez proferidas, transformam-se imediatamente em lei. Trata-se de gente que tem medo sobretudo de que os filhos pensem que o pai pode errar, que não é um homem decidido. Se ele disse: "Amanhã vai chover, por isso não podemos ir passear", então, mesmo que no dia seguinte o tempo esteja bom, já ficou estabelecido que não se pode passear. Um filme não lhe agradou: em conseqüência, haverá uma proibição de ir a qualquer cinema, mesmo que haja bons filmes. Impôs um castigo e mais tarde descobre que a criança não era tão culpada como parecia: o pai por nada deste mundo muda sua atitude; uma vez imposto o castigo, este deve ser cumprido. Todos os dias encontra motivos para punir e em cada movimento do filho vê uma transgressão da ordem e da

legalidade, importunando-o com novas leis e disposições. A vida da criança, seus interesses, seu crescimento, passam-lhe despercebidos; não vê outra coisa além de sua chefia burocrática da família.

Autoridade do raciocínio. Pretende basear-se na razão e no final torna-se irracional. O pai literalmente angustia a vida do filho com intermináveis ensinamentos e conversas edificantes. Em vez de poucas palavras ditas de preferência em tom de brincadeira, dirige-se a ele com discursos aborrecidos e cansativos. Acredita que a sabedoria pedagógica consiste em comunicar ensinamentos. Cria-se um clima familiar triste e cheio de tédio. Os pais procuram aparecer, de qualquer maneira diante dos filhos, como virtuosos e infalíveis. Esquecem que as crianças não são pessoas adultas, que têm sua própria vida, que deve ser respeitada. Essa vida é mais emocional, mais apaixonada que a do adulto, e em sua primeira etapa ainda não existe raciocínio. O costume de raciocinar forma-se lenta e gradativamente, e os longos discursos inoportunos, constantes falas e verborréias, longe de imprimirem autoridade a seus autores, constituem uma forma de impedimento.

Autoridade do amor. Este é o tipo de falsa autoridade mais difundido entre nós. Muitos pais estão convencidos de que a obediência dos filhos é fruto do carinho e que, para obtê-la, é necessário exteriorizar-lhes esse carinho a todo momento. Propiciam ao filho toda espécie de mimos e quando não obedece perguntam-lhe imediatamente: "Quer dizer que você não gosta do papai?" Estão pendentes da expressão dos olhos infantis e reclamam ternura e amor. As mães costumam vangloriar-se diante dos conhecidos, na presença dos filhos: "Ele gosta muitíssimo do papai e gosta muito de mim; é um filho tão carinhoso..." O sentimentalismo e a ternura absorvem de tal forma a atenção que não lhes permitem ver outra coisa. Muitos detalhes importantes da educação ficam relegados ao esquecimento. Todos os atos do filho devem ser inspirados no amor aos pais.

Este tipo de autoridade é muito deficiente. Provoca o egoísmo familiar. As crianças, naturalmente, não podem comportar-se na forma descrita, e não tardam a perceber que é fácil enganar os pais bastando simular uma expressão carinhosa. Mais ainda: que podem intimidá-los adotando um ar fugidio que prevê a extinção do amor. Desde muito cedo começam a compreender que se pode ganhar os outros fingindo um certo afeto e se costu-

mam cinicamente com a simulação; embora conservem o carinho pelos pais durante muito tempo, tornam-se incapazes de sentir simpatia desinteressada pelos estranhos e perdem o espírito de camaradagem.

É um tipo muito perigoso de autoridade. Cria egoístas, mentirosos e hipócritas, e, muito freqüentemente, os pais são as primeiras vítimas desse egoísmo.

Autoridade da bondade. É a forma de autoridade menos inteligente. Aqui também o principal recurso para conseguir obediência da criança é o amor, mas com a variante de que não se traduz em beijos e efusões, mas em concessões, brandura e bondade. O pai ou a mãe aparecem diante da criança como um anjo protetor. São pais admiráveis, que lhe permitem tudo e não lhe negam nada. Têm medo de qualquer conflito, resguardam a todo custo a aparente tranqüilidade familiar e para conservá-la estão prontos para qualquer sacrifício. Logicamente, em tais casos, os filhos começam logo a mandar na família. A falta de resistência oferece um campo muito grande para os seus desejos, caprichos e exigências, e quando os pais tentam uma reação já é tarde, criou-se uma experiência negativa.

Autoridade da amizade. É comum que, mesmo antes do nascimento dos filhos, os pais se proponham a ser seus amigos. É claro que em princípio isso é muito bom. O pai e o filho, a mãe e a filha podem e devem ser amigos, mas isso não pode afetar as funções e responsabilidades de cada um na sociedade familiar. Quando a amizade excede os limites normais, a educação acaba e inicia-se um processo inverso: os filhos começam a educar os pais. Isso costuma ser observado com mais freqüência entre os intelectuais. Nessas famílias os filhos chamam os pais pelo nome, riem deles, interrompem-nos com grosseria, corrigem-nos a todo momento, e é claro que não se pode falar ali de nenhuma espécie de desobediência. Mas nesse caso muito menos de amizade, pois nenhuma amizade é possível sem o respeito mútuo.

Autoridade do suborno. É a forma mais imoral: a obediência é comprada com presentes e promessas. Os pais, sem sentir o menor constrangimento, dizem ao filho: se me obedecer, comprarei um cavalinho para você; se me obedecer, iremos ao circo.

É evidente que o estímulo traduzido em prêmio é admissível, mas em nenhum caso as crianças devem ser recompensadas pela sua obediência, pela sua atitude correta em relação aos pais.

Pode-se premiar a aplicação no estudo ou o cumprimento de algum trabalho difícil, mas em nenhum caso a recompensa deve ser anunciada, nem se deve instigar as crianças com semelhantes promessas para que façam as suas tarefas.

Analisamos alguns aspectos da falsa autoridade. Há porém muitas outras: a autoridade da alegria, da sabedoria, da "cortesia", da beleza. Há casos também em que os pais não se preocupam em geral com esta questão, não têm idéias sobre isso e arrastam como podem a carga da educação de seus filhos. Um dia se aborrecem e os castigam por qualquer coisa e no dia seguinte estão lhes confessando o seu amor, mais tarde lhes prometem algo a título de suborno, e logo os castigam de novo e reprovam neles suas próprias condescendências. Seus recursos educativos não têm coerência e oscilam sem qualquer noção daquilo que fazem.

Em outras famílias, o pai se atém a um tipo de autoridade e a mãe a outro, fazendo com que as crianças procurem ser antes de tudo diplomáticas e aprendam a equilibrar-se entre o pai e a mãe.

Finalmente, ocorre também de os pais simplesmente não se preocuparem com os filhos e cuidarem unicamente da sua própria tranqüilidade.

Em que deve consistir a verdadeira autoridade paterna na família soviética?

Seu principal fundamento está na vida e no trabalho dos pais, na sua personalidade cívica e na sua conduta. São os que dirigem a família, que respondem por ela diante da sociedade, diante da própria felicidade e diante dos filhos. Se cumprem sua missão de maneira honesta, racional, se se propõem objetivos importantes e interessantes, se analisam seus próprios atos, terão uma autoridade verdadeira, evitando-se assim a necessidade de buscar fundamentos e de recorrer a receitas ou artifícios de qualquer espécie.

A certa altura de seu desenvolvimento, as crianças começam a se interessar pelo trabalho dos pais e pela situação social. Convém que conheçam o quanto antes seus meios de vida, seus interesses e o ambiente em que atuam. A ocupação dos pais deve parecer aos filhos uma questão séria e respeitável. Seus méritos adquirirão uma categoria social, um valor autêntico, não uma simples aparência, e é muito importante que as crianças os vejam em função das conquistas e malogros gerais e não em termos de fatos isolados e pessoais. Deve-se combater a vaidade na criança e infundir-lhe um sadio orgulho soviético que não se limite exclu-

sivamente ao estreito círculo doméstico, mas que se estenda a todos os homens probos de nossa pátria, de modo que associe a imagem de seus pais a esse grande conjunto de nossas personalidades.

Ao mesmo tempo deve-se ter sempre presente que todo trabalho humano exige esforços e possui dignidade. Em nenhum caso, os pais devem apresentar-se como pessoas insuperáveis em sua atividade, e os filhos devem saber apreciar ao mesmo tempo os méritos dos outros, particularmente os dos companheiros de trabalho de seus pais. A autoridade cívica só atinge uma verdadeira hierarquia quando é estruturada nos termos de um membro ativo da coletividade e não como forasteiro espalhafatoso. Se o filho se sente orgulhoso da fábrica em que trabalha o pai, se ele fica contente com os êxitos desse estabelecimento, será uma prova de que foi educado corretamente.

Entretanto, os pais não devem limitar-se à atuação no âmbito restrito de sua família. Nossa vida é a de uma sociedade socialista, e as crianças devem sentir o exemplo de uma participação ativa nela. Os sucessos internacionais, o progresso científico e literário, tudo isso deve refletir-se nas idéias do pai, em seus sentimentos, em suas aspirações. Somente os que vivem uma vida com plenitude, os verdadeiros cidadãos de nosso país, possuirão diante dos filhos uma autêntica autoridade. É claro que isso não deve ser feito assim como algo **ex profeso**, para que os filhos o vejam, para impressioná-los com qualidades aparentes. A falta de sinceridade é um recurso vicioso. É necessário viver essa vida de fato, sincera e espontaneamente, e não ficar se preocupando em ostentá-la diante das crianças. Elas entenderão por si mesmas o que é importante.

A conjunção das virtudes do cidadão e do pai traduzidas no correto cumprimento da tarefa paterna é o que alimenta as raízes da autoridade. Antes de tudo deve-se conhecer a vida da criança, aquilo que lhe interessa, quais são seus afetos, as coisas que lhe agradam e desagradam, quem participa do seu círculo de amigos, com quem brinca e quais são seus brinquedos prediletos, o que lê e como interpreta e assimila o que leu. Se freqüenta escola, é preciso estar a par de tudo o que diz respeito à sua condição escolar: seu comportamento geral, a atitude diante dos professores, as dificuldades que encontra, o seu comportamento na classe. O pai deve conhecer todos esses elementos de avaliação desde a mais tenra idade de seu filho para evitar as desagradáveis surpresas de conflitos e inconvenientes insuspeitos, que são fáceis de serem previstos e prevenidos.

Para conhecer todas essas modalidades deve proceder com acerto, tomando cuidado para não transformar a criança em objeto de perseguição constante, com perguntas cansativas, como uma espécie de espionagem incômoda e prejudicial para ambas as partes. Desde o começo, é necessário estabelecer as coisas de tal forma que as crianças contem espontaneamente as suas atividades e aspirações, que sintam o desejo de compartilhá-las com os pais. De vez em quando convém convidar seus amigos, recebê-los, travando relações com suas famílias na primeira oportunidade que houver.

Tudo isso não exige muito tempo; requer somente preocupação pelas crianças e pela sua vida.

Os filhos percebem o grau de instrução do pai e a atenção que lhes dispensa, e o reverenciam por isso.

A autoridade do conhecimento conduz necessariamente à autoridade da colaboração. É comum que a criança não saiba como proceder em certos casos e necessite de conselho e ajuda, e embora não a peça — porque não sabe fazê-lo — deve-se ir espontaneamente em seu auxílio.

Essa assistência pode traduzir-se em um simples conselho, às vezes numa brincadeira, outras numa decisão, inclusive numa ordem. O conhecimento da vida da criança mostra como proceder de forma mais objetiva. Isso pode ser traduzido no simples fato de participar do seu jogo ou de relacionar-se com seus companheiros, ou no fato de ir à escola para conversar com o professor. Se na família há várias crianças — que é o caso mais feliz — os irmãos maiores podem participar dessa tarefa.

A assistência paterna deve ser discreta e oportuna. Nos casos em que isso é possível, convém propor à criança que ela mesma contorne as dificuldades, que se acostume a superar os obstáculos e a resolver os problemas complicados. Mas é necessário observar sempre como ela o faz para evitar que se desespere nas dificuldades. Às vezes, inclusive, é útil que a criança veja a diligência e atenção paternas e a confiança que se tem em suas forças.

A autoridade da colaboração e da orientação cuidadosa e atenta se complementa eficazmente com a da consciência do próprio dever. A criança sente a presença e a solidariedade do pai, sua preocupação racional, a segurança que lhe é oferecida, mas, ao mesmo tempo, sabe que algo se exige dela, que as coisas não são feitas por causa dela, eximindo-a de sua responsabilidade.

A responsabilidade é, justamente, o complemento obrigatório da autoridade paterna. Em nenhum caso a criança deve pensar que a missão de orientar a família é simplesmente um prazer ou uma distração. Deve saber que o pai responde perante a sociedade por si próprio e por ela, portanto não se deve vacilar em manifestar-lhe abertamente e com firmeza que ela se encontra em etapa de formação, que precisa estudar muito ainda, que deve transformar-se num homem bom e cidadão útil, que os pais são os responsáveis por isso e sabem cumprir com o seu dever. Tanto o princípio da colaboração como o da exigência constituem a base da responsabilidade. Em alguns casos, a exigência deve ser colocada de forma severa, de modo a não admitir reparos. É claro que isso será proveitoso só no caso em que a criança já tenha adquirido o conceito de responsabilidade. É necessário que sinta, desde a mais tenra idade, que não vive com os pais em uma ilha desabitada.

Para finalizar, resumiremos brevemente o que foi dito:

A autoridade é indispensável na família.

É necessário distinguir a autoridade verdadeira da autoridade falsa, baseada em princípios artificiosos com tendências a criar a obediência a qualquer preço.

A verdadeira autoridade fundamenta-se na atividade cívica do pai, em seu sentimento cívico, no conhecimento da vida da criança, na assistência que lhe presta e na responsabilidade por sua educação.

Terceira Conferência

DISCIPLINA

O termo **disciplina** tem várias acepções. Para alguns significa um conjunto de regras de conduta. Outros a entendem como uma série de costumes já formados, e há os que vêem nela somente a obediência. Todas essas opiniões se aproximam da verdade em maior ou menor grau, mas para uma tarefa educativa correta é preciso se ter uma idéia mais precisa acerca do conceito "disciplina".

Costuma-se dizer que um homem é disciplinado quando é obediente. É claro que, na grande maioria dos casos, exige-se de todo o homem o cumprimento rápido e completo das ordens e decisões superiores, entretanto, na sociedade soviética, a simples obediência não é sinal de uma boa disciplina e não pode nos satisfazer, assim como a obediência cega que se exigia habitualmente na velha escola pré-revolucionária.

Do cidadão soviético exigimos uma disciplina muito mais ampla. Exigimos que não só compreenda por que e para que deve cumprir uma ordem, mas que sinta a necessidade e desejo de cumpri-la da melhor maneira possível. Exigimos dele, além disso, que esteja disposto a cumprir com o seu dever em cada minuto da sua vida sem esperar resoluções nem ordens; que possua iniciativa e vontade criadora. Ao mesmo tempo, esperamos que faça só aquilo que é realmente útil e necessário para a nossa sociedade, para o nosso país, e que não se detenha diante de nenhuma espécie de dificuldade ou obstáculo. Mais ainda, exigimos dele a capacidade de abster-se de atitudes ou atos que servem somente para proporcionar-lhe proveito e satisfação pessoais, e que no entanto podem prejudicar terceiros ou toda a sociedade. Além disso, exigimos ainda que não se limite ao círculo restrito de seu próprio trabalho, de sua propriedade, do que está ao seu redor, de sua família, e que saiba dar valor aos afazeres dos que o rodeiam, sua vida, sua conduta; que demonstre seu apoio não só com palavras mas também com fatos, mesmo que isso signifique sacrifício de parte de sua tranqüilidade pessoal. Porém, com relação aos nossos inimigos comuns, exigimos de cada homem uma reação decidida, um alerta permanente sem deter-se diante de nenhum obstáculo ou perigo.

Em uma palavra, na sociedade soviética temos o direito de considerar como disciplinado somente o homem que sempre e em todas as circunstâncias sabe escolher a atitude correta, a mais útil para a sociedade, e que possui a firmeza de manter essa atitude até o fim, quaisquer que sejam as dificuldades e inconveniências.

É evidente que não se pode educar um homem com esse tipo de disciplina somente por meio do exercício da obediência. O cidadão soviético disciplinado pode ser educado somente por meio de um conjunto de influências construtivas, entre as quais devem ter privilégio a educação política ampla, a instrução geral, o livro, o jornal, o trabalho, a atuação social e inclusive algumas que parecem coisas secundárias, como os jogos, o divertimento, o descanso. É apenas mediante o conjunto de todas essas influências que se pode conseguir uma educação correta, da qual resultará um autêntico cidadão disciplinado na sociedade socialista.

Recomendamos especialmente aos pais lembrarem-se sempre deste importante princípio: a disciplina não se cria com algumas medidas "disciplinárias" mas com todo o sistema educativo, com a organização de toda a vida, com a soma de todas as influências que atuam sobre a criança. Nesse sentido, a disciplina não é uma causa, um método, um procedimento de educação, mas o seu resultado. A disciplina correta é o objetivo satisfatório que o educador deve se propor com todas as suas energias, valendo-se de todos os meios que estejam ao seu alcance. Por isso, cada pai deve saber que, dar aos filhos um livro, relacioná-los com novos companheiros, falar com eles sobre a situação internacional, sobre os problemas da sua fábrica ou sobre seus êxitos stakanovistas,* ao lado de outros propósitos, é também uma forma de disciplina.

Desta maneira, consideraremos como disciplina o resultado geral de todo o trabalho educativo.

Mas existe também um aspecto mais limitado na tarefa educativa que se vincula mais de perto com a disciplina e que freqüentemente se confunde com ela: é o regime. Se a disciplina é o resultado de todo um trabalho educativo, o regime é só um meio, um procedimento educativo. As diferenças entre regime e disciplina são importantes, e os pais devem saber distingui-las

(*) **Stakanovismo**: movimento massivo de inovadores e vanguardistas da produção por uma maior produtividade e racionalização do trabalho, surgido em 1935 por iniciativa de Alexei G. Stakanov e que se espalhou rapidamente por toda a URSS. (N. da ed. argentina.)

com clareza. A disciplina, por exemplo, pertence à espécie de fenômenos dos quais exigimos sempre perfeição. Estamos sempre desejando que em nossa família e em nosso trabalho haja a melhor e mais severa disciplina. E não pode ser diferente: a disciplina é um resultado, e em todo empreendimento acostumamo-nos a lutar pelos melhores resultados. É muito difícil imaginar que alguém diga: "Nossa disciplina é assim e ponto final; não necessitamos de outra melhor..."

Um sujeito assim ou é um estúpido, ou um verdadeiro inimigo. Todo homem normal deve estar orientado para uma disciplina melhor, ou seja, para um resultado mais produtivo.

O regime é completamente diferente. Como já dissemos, é só um meio, e sabemos que todo meio — em qualquer circunstância da vida — deve ser empregado somente quando corresponde ao objetivo, quando é adequado. Por isso podemos conceber uma disciplina e considerá-la como a melhor, mas o mesmo não acontece com o regime. Um determinado regime pode ser conveniente em certos casos e não sê-lo em outros.

O regime familiar não pode nem deve ser o mesmo se há interposição de condições diferentes. A idade das crianças, suas atitudes, o ambiente, a vizinhança, as dimensões da casa, suas comodidades, o caminho para a escola, a animação das ruas e muitas outras circunstâncias determinam e mudam o caráter do regime. O regime de uma família numerosa deve ser diferente daquele que orienta a família de filho único. O que é próprio para as crianças menores pode ser prejudicial quando aplicado a outras maiores. Do mesmo modo, o regime para as meninas deve ter características próprias, especialmente na adolescência e na juventude.

Dessa maneira não se pode considerar o regime como algo permanente, imutável. Podemos incorrer em erro se acreditarmos religiosamente na infalibilidade do regime adotado e nos preocuparmos com a sua inviolabilidade em detrimento dos interesses de todos, crianças e pais. Um regime imutável transforma-se logo em recurso atrofiado, inútil e inclusive prejudicial.

O regime não pode ser permanente uma vez que é só um meio educativo. Cada educação persegue determinados objetivos, que são submetidos a um processo de constante mudança e de crescente complexidade. Na primeira infância, por exemplo, o problema de habituar a criança à limpeza é muito importante. Com esse objetivo, estabelece-se um regime especial, ou seja, regras para o uso da pia, da banheira ou ducha, arrumação do banheiro, limpeza do quarto, da cama, da mesa.

Este regime deve manter-se com regularidade; os pais devem tê-lo presente e ficar atentos para o seu cumprimento, colaborando com as crianças quando verificam que elas não podem fazer algo por si mesmas, e exigir que o façam bem. Quando as coisas se organizam com precisão, o resultado é proveitoso; assim se chega a um momento em que se formou o costume da limpeza, quando então a própria criança vai sentir-se inibida de sentar-se à mesa com as mãos sujas. Quando o objetivo é alcançado, o regime utilizado para isso perde a sua razão de ser. É claro que não se pode mudá-lo de um dia para o outro. Deve-se substituí-lo gradativamente por outro, o qual servirá para fixar o costume já formado, e uma vez que isto se tenha alcançado, novos objetivos serão colocados, mais complicados e mais importantes. Insistir somente na limpeza é um gasto supérfluo de energia paterna, acrescentando-se a isso o resultado negativo de se estar educando pessoas que fora do hábito de limpeza só são capazes de realizar um trabalho quando não for preciso sujar as mãos.

Neste exemplo vemos que a eficácia de um regime está em relação com uma determinada etapa da educação, com seu objetivo; é um fenômeno transitório, coisa que, por outro lado, acontece com qualquer meio, e o regime não é senão um meio.

Por conseguinte, não se pode recomendar o mesmo regime para todos os casos. Existem muitos e é preciso escolher o mais adequado para cada caso.

Apesar da variedade de regimes possíveis, é necessário deixar estabelecido que qualquer que seja o escolhido deve possuir sempre determinadas qualidades adequadas à família soviética, obrigatórias em todas as circunstâncias.

Em primeiro lugar, é preciso que esteja de acordo com o objetivo. Toda norma de vida implantada na família deve ser entendida não porque alguém já fez assim anteriormente, ou porque torna a vida mais agradável, mas exclusivamente porque é o meio mais apropriado para se atingir o objetivo proposto. É essencial que esse objetivo seja bem definido, e, na grande maioria dos casos, deve ser do conhecimento das crianças. O regime terá sempre um fundamento racional acessível à compreensão das crianças. Caso se exija delas que cheguem para o almoço em determinada hora e se sentem à mesa ao mesmo tempo que os outros, é preciso fazê-las compreender que isso é necessário para facilitar o trabalho doméstico da mãe, como também para que toda a família tenha a possibilidade de reunir-se várias vezes ao dia, sentir a sua unidade e compartilhar suas idéias e sentimentos. Caso se exija delas que não desperdicem comida,

será necessário mostrar-lhes o respeito que se deve tanto ao trabalho dos que produzem os artigos alimentícios como ao trabalho dos pais, e também argumentar com razões de economia familiar.

Um costume relativamente freqüente é o de exigir-lhes silêncio na mesa, sem que pais nem filhos saibam qual é a finalidade dessa exigência. Geralmente costuma-se justificar com o velho argumento de que, se a gente fala enquanto come, corre o perigo de se engasgar. Isso não tem sentido, todo mundo costuma conversar durante a refeição sem que haja acidentes.

Ao recomendar aos pais que procurem que o regime seja racional e adequado ao objetivo, devemos preveni-los também de que não é conveniente estar explicando às crianças, a todo momento, o valor das regras; as explicações contínuas são cansativas. Por outro lado, deve-se persuadi-las para que elas mesmas, dentro do possível, compreendam por que determinadas coisas são necessárias. Somente em certos casos caberia um esclarecimento e, melhor ainda, a sugestão da idéia correta. Em geral, deve-se procurar meios para que a criança adquira bons costumes e os estabeleça mediante o exercício constante da atitude correta. Os contínuos arrazoados e argumentos inoportunos podem deixar cair por terra qualquer experiência interessante.

A segunda propriedade importante de um regime é sua constância. Se é preciso escovar os dentes hoje, também deverá sê-lo amanhã; o mesmo deve ocorrer em relação à arrumação da cama, etc. Deve-se evitar que a mãe exija que a cama seja arrumada num dia, e que, no outro, ela mesma o faça. Essa inconstância tira todo o valor do regime e o transforma em um conjunto de disposições casuais, carentes de conexão mútua. Um regime correto deve caracterizar-se pela sua constância e precisão e por não admitir exceções, salvo nos casos em que sejam realmente necessárias e provocadas por circunstâncias importantes. Como norma, pois, toda família deve estabelecer uma ordem tal, de modo que se torne obrigatório assinalar a menor infração ao regime. Isso deve ser posto em prática desde a mais tenra idade, e quanto mais severos forem os pais em exigir o seu cumprimento, tanto menos infrações haverá, e, conseqüentemente, não será necessário recorrer a castigos.

Chamamos especialmente a atenção dos pais para a seguinte circunstância. Alguns, erroneamente, raciocinam assim: "O menino não arrumou sua cama esta manhã; vale a pena fazer um escândalo por isso? Primeiro, porque isto ocorre pela primeira vez e, por outro lado, o assunto não tem importância e não

merece que se fique nervoso por isso." Semelhante raciocínio é incorreto. Em matéria de educação não há coisas sem importância. A cama desarrumada não significa somente um começo de desleixo, mas também um desrespeito pelo regime estabelecido, o começo de uma experiência que mais tarde poderá transformar-se em hostilidade direta aos pais.

A constância do regime, sua precisão e obrigatoriedade não podem subsistir se os próprios pais não lhe atribuem importância e, enquanto exigem que os filhos o cumpram rigorosamente, vivem de maneira desordenada, sem se submeter a nenhuma regra. É natural que o regime dos pais seja diferente do estabelecido para os filhos, mas as diferenças não são de princípio. Se as crianças não podem ler durante a refeição, também os pais não deverão fazê-lo. Ao insistir para que elas lavem as mãos antes de comer, deve-se começar dando-lhes o exemplo. O mesmo deve acontecer no que diz respeito à arrumação da cama, que não é tarefa difícil nem desonrosa. Todos esses detalhes têm mais valor do que habitualmente se pensa.

O regime familiar deve conter normas para as seguintes situações: hora exata de se levantar e de se deitar, tanto nos dias de trabalho como nos de descanso; asseio e conservação da limpeza, prazos e regras para a troca de roupa, da vestimenta, seu uso e limpeza; todas as coisas devem ter o seu lugar e tudo deve ficar em ordem depois do trabalho ou dos jogos. Desde cedo as crianças aprenderão a usar o toucador, o lavatório, a banheira; a cuidar da luz elétrica, acendendo-a ou apagando-a quando for necessário. Para a mesa haverá um regime especial. A criança deve chegar na hora determinada, conhecer o seu lugar, portar-se corretamente, usar garfo e faca, não sujar a toalha, não deixar cair comida na mesa, comer tudo o que tem no prato e por isso não pedir comida em excesso.

A distribuição do tempo de trabalho da criança deve ser submetida a um regime rigoroso, coisa muito importante quando ela começa a freqüentar a escola. Porém, já com certa antecedência, é aconselhável uma distribuição exata do tempo para as refeições, para as brincadeiras, passeios, etc.

É preciso dedicar muita atenção ao movimento das crianças. Há quem acredite que necessitam correr muito, gritar e, em geral, manifestar sua energia de maneira turbulenta. Não há dúvida de que a necessidade de movimentar-se é maior nas crianças que nos adultos, mas há um limite que deve ser enquadrado dentro de alguns princípios. É preciso formar nas crianças o costume de movimentar-se com uma finalidade e a capacidade de

moderar-se em caso de necessidade. As corridas e saltos pela casa não são admissíveis, para isso existe o quintal e o jardim, que são mais apropriados. Do mesmo modo é necessário habituar as crianças a moderarem sua voz: o grito, os urros, o choro alto, são todos fenômenos da mesma ordem, mais que uma necessidade real, denunciam um estado nervoso doentio. Os pais costumam ser os responsáveis pelos berros dos filhos. Não raro eles próprios gritam e agem com nervosismo em vez de propiciarem tranqüilidade à atmosfera familiar.

O regime interno da família dentro de casa, diferentemente do que ocorre com o regime externo, depende inteiramente dos pais. A criança passa determinada parte do seu tempo com os companheiros fora de casa: nos passeios, praças, pistas de patinação, ou na rua. Com o decorrer da idade, a companhia dos amigos tem papel cada vez mais relevante. É claro que os pais não podem assumir a orientação dessas influências, mas têm a possibilidade de controlá-las, o que na maioria dos casos é suficiente quando na família se formou uma experiência sadia com relação à vida em sociedade, à confiança mútua e à veracidade e se fundamentou corretamente a autoridade paterna. Para exercer esse controle e ter a possibilidade de orientar na medida do possível a influência do ambiente, os pais necessitam, em primeiro lugar, conhecê-lo. Muitos casos de má conduta e, com mais razão, de desvios sérios não ocorreriam se os pais conhecessem mais de perto os companheiros do filho, os pais desses companheiros; se soubessem em que consistem as suas brincadeiras — inclusive participando delas —, se os acompanhassem nos passeios, ao cinema, ao circo, etc. Este tipo de aproximação ativa dos pais na vida dos filhos não é tarefa difícil e normalmente traz muitas satisfações. Permite conhecer mais de perto a essência dessa vida de relação e facilita a colaboração recíproca. Além do mais — e isto é que é o mais importante — permite que os pais participem das impressões dos filhos e, nessas ocasiões, exponham-lhes sua opinião sobre os companheiros, seu comportamento, a apreciação de suas atitudes e a utilidade ou prejuízo de alguns divertimentos.

Esta é a metodologia geral da organização do regime familiar. Atendo-se a essas orientações gerais, todo pai pode estruturar a vida familiar do modo que melhor se adapte às suas peculiaridades. Um dos problemas mais importantes do regime é o das normas que regem as relações entre pais e filhos. Há, nesse sentido, excesso de exageros e desvios que prejudicam muito a educação. Alguns abusam das exortações, outros das conversas expli-

cativas, outros ainda dos carinhos, outros das ordens, dos estímulos, castigos, concessões, rigidez. É lógico que no decorrer da vida familiar ocorram casos em que o carinho, a conversa, a rigidez e também a concessão são oportunos; mas, tratando-se do regime, todas essas modalidades devem ceder diante da mais importante, que é a única e a melhor: a ordem.

A família é uma instituição muito importante e representa uma grande responsabilidade para o homem. Ela propicia plenitude à vida e proporciona felicidade, mas antes de tudo — especialmente na sociedade socialista — é uma instituição que tem importância estatal. Por isso o regime familiar deve estruturar-se, desenvolver-se e atuar essencialmente como uma instituição prática. Os pais não devem temer o uso de um tom formal, acreditando que este estaria em contradição com o seu afeto ou que poderia prejudicar ou esfriar suas relações. Afirmamos que somente um tom formal, sério, autêntico, pode criar na família a atmosfera tranqüila necessária para a educação correta das crianças e para o desenvolvimento do respeito e amor recíprocos entre seus membros.

As ordens devem ser dadas em tom tranqüilo, equilibrado, afável, mas sempre decidido, e as crianças devem acostumar-se desde cedo a esse tom, a submeter-se à ordem e cumpri-la com vontade. Pode-se ser bastante carinhoso com a criança, divertir-se e brincar com ela, mas quando surge uma necessidade é preciso adotar decisões rápidas e transmiti-las brevemente com uma atitude e um tom tais que não deixem dúvida sobre a sua correção e necessidade de cumpri-las.

Isso deve ser feito desde que o primeiro filho tenha de um ano e meio a dois. Não é uma questão difícil. É preciso estar atento apenas para que a ordem satisfaça os seguintes requisitos:

1. Não deve ser comunicada com aspereza, gritos, nem irritação, mas nem por isso deve parecer um pedido.
2. Seu cumprimento deve estar ao alcance das possibilidades da criança; não exigir dela um esforço excessivo.
3. Deve ser racional, ou seja, conscienciosa.
4. Não deve contradizer outra ordem do pai, ou da mãe.

Uma vez comunicada, a ordem deve ser cumprida. É muito prejudicial que os próprios pais a esqueçam. Nos problemas familiares, do mesmo modo que em qualquer outro, é necessário controle e verificação constantes. É claro que convém que esse controle passe despercebido para a criança, embora ela não deva duvidar de que a ordem tem que ser cumprida. Entretanto, quando ela é encarregada de uma tarefa complicada, em que a

qualidade do cumprimento é muito importante, o controle visível tem cabimento.

Como proceder quando a criança não cumpre uma ordem? Antes de tudo, deve-se evitar que isso ocorra, mas uma vez acontecido, deve-se repeti-la, porém em tom mais frio, mais sério, aproximadamente assim: "Eu disse para que você fizesse assim e você não o fez. Faça-o imediatamente e que isto não se repita."

Ao reiterar a ordem e procurar que se cumpra sem possibilidade de subterfúgios, é preciso também meditar na causa dessa resistência. Com toda a certeza chega-se à conclusão de que houve culpa paterna, algo que foi feito incorretamente, alguma omissão. Essa análise contribuirá para que se evitem erros desse tipo.

O mais importante aqui é impedir que as crianças adquiram o hábito da desobediência e que o regime familiar seja transgredido. Seria nocivo admitir experiências dessa natureza e permitir às crianças encarar as ordens paternas como algo desprovido de obrigatoriedade.

Caso se proceda corretamente desde o começo, não haverá necessidade de recorrer a castigos.

Quando o regime é cumprido desde o início e os pais vigiam constantemente o seu desenvolvimento, os castigos não são necessários. Numa família bem organizada não existem motivos para a aplicação de castigos, o que constitui o melhor método de educação familiar.

Nos casos em que se tenha descuidado da educação, em que os castigos se tornam inevitáveis, os pais geralmente os utilizam de forma muito inábil, com o lamentável resultado de que, ao invés de corrigir as coisas, pioram.

O castigo é um recurso muito difícil, exige do educador muito tato e muito cuidado; por isso recomendamos aos pais que o evitem ao máximo e que se empenhem em, fundamentalmente, instituir um regime correto. Qualquer que seja o tempo exigido para isso, deve fazê-lo e esperar pacientemente os resultados, que compensarão os esforços realizados.

No caso mais extremo, certos castigos podem ser admitidos, como o de privar a criança de uma satisfação ou regalia (suspender uma ida ao cinema ou ao circo); não dar a mesada; suspender as visitas aos companheiros, etc.

Uma vez mais chamamos a atenção dos pais para o fato de que os castigos não dão bons resultados se não há um regime correto, e em troca, quando existe, pode-se evitá-los perfeitamente apenas sendo-se mais paciente. De qualquer forma, é muito mais

importante implantar na vida familiar uma experiência correta que corrigir uma incorreta.

Da mesma forma deve-se ser cuidadoso com os estímulos. Os prêmios nunca devem ser anunciados com antecedência. É melhor limitar-se ao elogio e à aprovação. As crianças devem saber que a alegria, o prazer e a diversão não são recompensas por suas boas ações, mas que constituem a realização de necessidades normais. Deve-se dar sempre à criança o que lhe é indispensável, independente de seus méritos, e não lhe dar nunca, a título de recompensa, o que ela não tem necessidade ou que lhe é prejudicial.

Resumindo o que foi dito:

A disciplina e o regime são duas coisas diferentes. A primeira é o resultado da educação, o segundo é um meio para realizá-la. Por isso o caráter do regime varia de acordo com as circunstâncias e deve ser preciso, exato e adequado aos objetivos propostos. Abrange tanto a vida interna da família como a externa. Na organização familiar manifesta-se sob a forma de resoluções e no controle de seu cumprimento. Sua principal finalidade consiste na acumulação de uma experiência disciplinar correta, devendo evitar-se cuidadosamente toda experiência incorreta. Num regime adequado não são necessários castigos, cujo uso geralmente deve ser evitado, do mesmo modo que o recurso a estímulos supérfluos. É melhor confiar, em todos os casos, no regime certo e esperar pacientemente seus resultados.

Quarta Conferência

O JOGO

A importância do jogo na vida da criança é semelhante à da atividade, do trabalho ou do emprego para o adulto. A atuação do homem em suas diferentes atividades reflete bastante a maneira como se comportou nos jogos durante a infância. Daí que a educação do futuro cidadão se desenvolva antes de tudo no jogo. Toda a história do homem nas diversas manifestações de sua ação pode ser representada pelo desenvolvimento do jogo na infância e em seu trânsito gradativo para o trabalho. Essa transição é muito lenta.

Desde muito cedo, a atividade fundamental da criança consiste em brincar, suas possibilidades de trabalho são insignificantes e não excedem os limites do mais simples auto-serviço: aprender a comer só, a cobrir-se com o cobertor, a colocar as calcinhas. Mas inclusive isso ela faz brincando. Em uma família bem organizada, essas tarefas tornam-se gradativamente mais complexas. São atribuídos à criança trabalhos cada vez mais difíceis, começando pelos que pertencem ao seu auto-serviço, para prosseguir mais tarde com tarefas familiares. Entretanto, nesse período o jogo constitui a principal atividade da criança, a que mais atrai e absorve seu interesse.

Na idade escolar o trabalho já ocupa um lugar importante e requer mais responsabilidade, trata-se de um trabalho que se aproxima da atividade social e que está vinculada com conceitos definidos e claros sobre a futura vida da criança. Mas nessa etapa o jogo apaixona-a muito e por isso ela vive alguns conflitos quando sente a tentação de trocar o trabalho pelo jogo. Geralmente isso ocorre quando são cometidos alguns erros na educação da criança a respeito do jogo e do trabalho.

Daí torna-se evidente a grande importância em orientar corretamente o jogo infantil. Na vida real encontramos muitos adultos que terminaram a escola há tempos e nos quais predomina a paixão pelo jogo sobre o amor ao trabalho. Nessa categoria devemos classificar aqueles que colocam o prazer antes da sua ocupação e que se esquecem de suas obrigações simplesmente por causa de uma alegre companhia. Nessa mesma classificação

há aqueles que transformam tudo numa farsa, fazem poses de importantes, encaram as coisas com frivolidade e mentem a troco de nada. Transportam para a vida adulta a estrutura dos jogos infantis, e isso porque as condições do jogo durante a sua infância não foram transformadas em condições de trabalho. Evidentemente houve má educação em conseqüência de uma organização deficiente do jogo.

É claro que tudo o que foi dito não quer dizer que seja necessário desvincular a criança, o mais cedo possível, do jogo para introduzi-la nos esforços e preocupação próprios do trabalho. Uma mudança brusca ou prematura não é conveniente, pode ser uma violência para a criança e, além disso, provocar aversão ao trabalho e intensificar nela o desejo de brincar.

Para educar o futuro homem de ação, não se deve eliminar o jogo, mas organizá-lo de tal forma que, sem desvirtuar seu caráter, contribua para formar as qualidades do trabalhador e cidadão do futuro.

Para que o jogo se torne educativo, é preciso que os pais saibam bem no que consiste e o que o diferencia do trabalho. Se não se tem um conceito claro sobre este ponto e não se o analisa profundamente, não haverá possibilidade de se orientar a criança com acerto além de se correr o risco de cometer erros, com os conseqüentes efeitos negativos sob o ponto de vista educativo.

Em primeiro lugar, devemos dizer que a diferença entre o jogo e o trabalho não é tão grande como muitos pensam. Um bom jogo se parece com um bom trabalho, e vice-versa. Essa semelhança é muito grande, a ponto de podermos afirmar que um trabalho ruim se parece mais com um jogo ruim do que com um trabalho bom.

Em todo bom jogo existem esforços físicos e mentais. Quando se presenteia uma criança com um rato mecânico e ela se limita a observá-lo divertindo-se passivamente durante um dia inteiro porque o pai lhe dá corda para fazê-lo funcionar, vê-se que nisso não há nada de construtivo. A criança permanece inativa, pois sua participação reduz-se a ficar olhando. Se todos os seus brinquedos são dessa natureza, ela será transformada em um homem passivo, habituado a olhar o trabalho alheio, sem iniciativa, sem o costume de criar, de vencer as dificuldades. O jogo desprovido de esforço e de atividade criadora produz efeitos negativos. Como se vê, nesse sentido, se parece muito com o trabalho.

O jogo proporciona alegria à criança, a alegria da criação, do triunfo, ou do prazer estético, da qualidade. Uma alegria

semelhante se consegue também com um bom trabalho. Nisto consiste a semelhança entre o jogo e o trabalho.

Alguns pensam que essas duas atividades se diferenciam porque o trabalho implica responsabilidade e o jogo não. É um erro: em ambos existe a mesma responsabilidade, desde que se trate de um jogo correto, adequado, ponto que trataremos mais adiante de maneira mais detalhada.

Em que se distingue, pois, o jogo do trabalho? A principal diferença baseia-se no fato de que, enquanto o trabalho traduz a participação do homem na produção social, na criação de valores materiais ou culturais — isto é, sociais —, o jogo não procura objetivos dessa índole, não tem relação direta com objetivos sociais, mas vincula-se a eles de forma indireta, ao habituar o homem a esforços físicos e psíquicos imprescindíveis para o trabalho.

Agora, torna-se evidente o que devemos exigir dos pais em matéria de orientação do jogo infantil. Primeiro, tomar cuidado para que não se transforme no único desejo da criança, que não o desvincule totalmente dos objetivos sociais. Depois, atentar para que se formem os hábitos físicos e psíquicos requeridos pelo trabalho.

O primeiro objetivo alcança-se, como já dissemos, introduzindo a criança, de maneira gradativa, no campo do trabalho, que deve substituir lenta mas infalivelmente o jogo. O segundo consegue-se mediante a escolha acertada do jogo, sua orientação correta e a colaboração com a criança.

Nesta conferência só nos referiremos ao segundo objetivo. O problema da educação para o trabalho será tratado numa outra.

Os erros que os pais comumente cometem em matéria de orientação do jogo infantil costumam apresentar-se sob três formas. Alguns simplesmente não se preocupam com o assunto porque pensam que seus filhos sabem se desempenhar bem sozinhos. As crianças brincam quando e como querem, escolhem sozinhos seus brinquedos e organizam eles próprios os seus jogos. Outros pais, ao contrário, são excessivamente atenciosos, intrometem-se constantemente nas brincadeiras, explicam, mostram, colocam problemas e se apressam em resolvê-los sem dar oportunidade à criança de participar, pois esquecem-se dela, divertindo-se eles próprios. À criança nada lhe resta senão escutá-los e imitá-los, assim na realidade os pais brincam mais que a criança. Quando esta encontra alguma dificuldade para realizar algo, o

pai ou a mãe dizem-lhe: "Você não sabe fazer, olha como deve ser feito."

Se a criança faz recortes de papel, o pai ou a mãe, depois de observar os seus esforços durante algum tempo, tiram-lhe a tesoura e dizem: "Deixa, eu vou recortar. Veja como saiu bem feito!"

A criança observa que, de fato, o pai faz melhor. Pega outra folha e lhe pede que recorte outra coisa, e o pai, diante do êxito, faz isso com alegria e satisfação. Nesses casos as crianças se limitam a imitar o que fazem os pais sem adquirir o hábito de superar as dificuldades nem de melhorar, pelo próprio esforço, a qualidade do seu trabalho, e se acostumam desde cedo com a idéia de que só os adultos são capazes de fazer tudo bem feito. Nessas crianças desenvolve-se a falta de confiança em seus próprios meios e o medo do fracasso.

Outros pais consideram essencial que as crianças tenham muitos brinquedos e abarrotam o seu quartinho, que mais parece uma loja de brinquedos. Geralmente esses pais gostam muito dos brinquedos mecânicos engenhosos e sufocam com eles a vida de seu filho. Dessa forma — no melhor dos casos — transformam-no em um colecionador de brinquedos, e o pior — que é o mais comum — a criança passa de um brinquedo a outro sem nenhum interesse, estraga-os e os quebra e ainda exige outros sem sentir a menor atração por nenhum.

Para que o jogo seja educativo, é preciso que os pais o orientem de maneira cuidadosa e consciente.

O desenvolvimento do jogo infantil atravessa vários estágios, cada um dos quais exige um método diferente. O primeiro é o do jogo em casa, a etapa do brinquedo, e dura até os cinco ou seis anos. Sua característica é que a criança prefere brincar sozinha e raras vezes admite a participação de companheiros, afeiçoa-se aos seus brinquedos e brinca com indiferença com os brinquedos alheios. Essa tendência de brincar sozinho não implica em nenhum risco de se tornar egoísta. É a etapa do exercício sensorial e do desenvolvimento das atitudes pessoais. Por conseguinte, é necessário propiciar-lhe a possibilidade de que o faça, tomando cuidado ao mesmo tempo para que essa etapa não se prolongue muito e para que, no momento certo, passe para a segunda.

A preferência pelo jogo solitário evolui num dado momento para o interesse por uma companhia e pelo jogo coletivo. Esse processo de transformação realiza-se com certas dificuldades, e convém ajudar a criança para que o realize da melhor maneira e para que a ampliação do círculo de companheiros seja feita da

forma mais proveitosa possível. É muito bom que no grupo infantil haja uma criança um pouco maior, que tenha autoridade junto às outras e que aja como orientadora dos menores. Normalmente, durante esse período, surge grande interesse pelos jogos ao ar livre.

O segundo estágio é de orientação mais difícil, porque as crianças atuam num ambiente social mais amplo, longe da vista dos pais. Prolonga-se até os onze ou doze anos, incluindo parte da escolaridade. Na primeira parte dessa etapa, a criança já age como membro de uma sociedade, mas de uma sociedade ainda infantil, que carece de uma disciplina severa e de controle social.

Mais tarde a escola proporciona um número maior de companheiros, um círculo mais amplo de interesses e um cenário de ação mais difícil, particularmente para a atividade lúdica, mas, por outro lado, apresenta uma organização já preparada e um regime mais definido e — o que é mais importante — a assistência de profissionais especializados. Existe nela uma disciplina severamente constituída e controle social, e é onde se opera a passagem para o terceiro estágio.

No terceiro estágio, a criança atua como membro de uma coletividade, não mais limitada somente ao jogo, mas de uma coletividade de trabalho e de estudo. Nessa idade o jogo adquire formas coletivas mais acentuadas e gradativamente converte-se em esporte, ou seja, vincula-se com determinados fins de cultura física, com normas e — o mais importante — com conceitos de interesse e disciplina coletivos.

A influência paterna tem grande valor nos três estágios, mas é fundamental no primeiro, já que no seu decorrer a criança age quase que exclusivamente no âmbito familiar, está à margem das influências externas e não tem outros orientadores senão os pais. Mas também nos outros estágios a influência paterna pode ser grande e útil.

No primeiro, o centro material do jogo é constituído pelos brinquedos, que podem ser de diferentes tipos, como o brinquedo pronto, mecânico ou simples: automóveis, barcos, cavalinhos, bonecas, ratos, palhaços, etc.

O brinquedo não terminado exige da criança uma tarefa: estampas com perguntas, quebra-cabeças, cubinhos, caixas de construção, modelos para armar.

Brinquedo-material: argila, areia, cartão, mica, madeira, papel, plantas, arame, pregos.

Cada um desses tipos tem suas vantagens e inconvenientes. O brinquedo pronto é útil porque relaciona a criança com idéias e

coisas compostas, coloca-a diante de problemas de técnica e de economia e provoca uma atividade da imaginação muito grande. O barco leva-a até um determinado meio de transporte, o cavalo sugere idéias sobre a vida do animal e a preocupação com sua alimentação e costumes. Deve-se orientar a criança para que preste atenção nos aspectos sugestivos do brinquedo, para que não se distraia somente com um deles, por exemplo, com seu caráter mecânico e sua facilidade para o jogo.

Os brinquedos mecânicos são úteis somente quando a criança realmente brinca com eles e não se limita simplesmente a olhar seus movimentos. Seus benefícios estão em relação direta com a criatividade, pois coloca a criança em ação ao organizar divertimentos cada vez mais complicados. Os automóveis devem transportar alguma carga; o polichinelo deve viajar e fazer alguma coisa; as bonecas devem dormir e acordar, vestir-se e despir-se, fazer visitas e realizar algum trabalho útil no mundo do jogo. Esses brinquedos apresentam um campo muito amplo para a fantasia infantil, e, quanto mais ampla e seriamente se desenvolve essa faculdade mental, tanto melhor. Se um ursinho é mudado de um lugar para outro sem nenhuma finalidade, não se pode dizer que é um jogo útil, mas se vive em um determinado lugar, arrumado especialmente para ele, se causa medo em alguém ou se proporciona relações de amizade com outras crianças, então será um jogo proveitoso.

O segundo tipo de brinquedo é útil porque coloca para a criança um problema cuja solução requer certo esforço, sem o qual ela não conseguiria resolvê-lo. Nesse caso, já se requer certa disciplina mental, lógica; um conceito sobre a relação entre as partes e não uma simples fantasia livre. O inconveniente desses brinquedos consiste em que os problemas que se colocam são sempre os mesmos, monótonos, e cuja repetição torna-se cansativa.

Os brinquedos da terceira espécie — diversos materiais — são os mais baratos e úteis. Brincar com eles assemelha-se mais à atividade humana normal: o homem cria valores e cultura com materiais. Se a criança sabe se valer deles, revela que já possui uma capacidade de jogo elevada e que está engendrando uma grande capacidade de trabalho.

Ao mesmo tempo que possui muito realismo, o brinquedo-material oferece um amplo campo para a imaginação criadora, que é justamente aquilo que motiva o trabalho criador, diferentemente da simples fantasia, que se limita a reproduzir modelos. Com um pedaço de vidro ou mica pode-se fazer uma janela, mas

para isso necessita-se de uma moldura: daí surge o problema da construção de uma casa. Caso se tenha argila e galhos de plantas, coloca-se o problema da formação de um jardim.

Qual o melhor tipo de brinquedo? Consideramos que o mais apropriado é a combinação dos três, procurando-se evitar sempre que a quantidade seja excessiva. Um ou dois mecânicos é o suficiente. Junta-se a eles um brinquedo para armar, muitas espécies de materiais e dessa forma o mundo do jogo está organizado. A superabundância é prejudicial porque dispersa a atenção da criança, que se perde numa confusão de brinquedos. Deve-se proporcionar-lhe bem menos e orientá-la a fim de que organize, com esses elementos, o seu jogo. Portanto, convém observá-la e fazer o possível para que perceba por si mesma os defeitos e sinta o desejo de consertá-los. Se lhe for dado um cavalinho e este lhe sugeriu o problema do transporte, será natural que sinta a falta de uma carrocinha. Neste caso, deve-se induzi-la a que ela própria a confeccione com algumas caixinhas, rodinhas de madeira ou cartão. Caso consiga fazê-la, ótimo, o objetivo foi alcançado. Mas, se necessita de várias carrocinhas e aquelas que armou não são suficientes, não convém forçá-la a fazer, mas é necessário que ela as tenha.

O mais importante neste jogo é alcançar o seguinte:

1. que a criança brinque realmente; que componha, construa, combine;
2. que não comece uma tarefa enquanto não terminar a anterior; que leve sua atividade até o fim;
3. que em cada brinquedo veja um valor definido, necessário para o futuro; que cuide dele e o guarde. No mundo dos brinquedos deve imperar sempre uma ordem completa e as arrumações necessárias sempre devem ser feitas. Não se deve destruir o brinquedo quando ele se estraga, mas consertá-lo; se isso for difícil para a criança, deve-se ajudá-la.

Os pais devem dedicar atenção especial à atitude da criança diante do brinquedo. Deve-se incutir carinho por ele, de modo, porém, que não venha a sofrer terrivelmente caso este se estrague ou se quebre. Esta reação se consegue quando a criança adquire uma certa independência e se acostuma a considerar-se um bom administrador; então não terá medo dos estragos e se sentirá capaz de consertá-los. Em caso de necessidade, os pais devem correr em sua ajuda para evitar que se desespere e demonstrar-lhe que o trabalho e o engenho humano são capazes de recompor qualquer situação. Daí que lhes recomendamos adotar sempre

medidas que visem o conserto do brinquedo quebrado e que não o joguem fora antes do tempo.

Durante o processo do jogo, a criança deve gozar de plena liberdade de ação enquanto as coisas se desenvolvem normalmente. Quando aparece alguma dificuldade ou o jogo decorre sem interesse, a colaboração pode traduzir-se ora numa sugestão, ou na colocação de algum problema interessante, ora juntando um elemento novo ou também, caberia aqui, a própria participação no jogo.

Estes são os aspectos gerais do método no primeiro estágio.

No segundo, é primordial que os pais prestem atenção cuidadosa e permanente em todas as atividades e interesses da criança. Quando ela sai e se encontra com os companheiros, convém informar-se bem de quem se trata. É necessário conhecer as inclinações de seus diferentes companheiros, o que possuem, que coisas lhes faltam e o que pode haver de mau nos seus jogos. Ocorre com freqüência que a atenção e a iniciativa de um pai ou de uma mãe contribuem para melhorar a vida de todo um grupo infantil. É comum que no inverno as crianças gostem de deslizar sobre monte de resíduos congelados como se fosse uma ladeira. Nesse caso convém entrar em contato com outros pais para se fazer uma pista e ajudar as crianças a construí-la. Observa-se que, quando se dá à criança um simples trenó de madeira de confecção doméstica, não tardarão a aparecer trenós análogos entre os outros garotos.

Nessa etapa é muito importante e útil que os pais se relacionem entre si, coisa que, infelizmente, é pouco freqüente. Há pais que estão descontentes com a atuação de seus filhos fora de casa, mas não se dão ao trabalho de conversar com os seus companheiros para programarem juntos algo para melhorar as coisas, quando, na realidade, isso não é difícil. Como a essa altura de seu desenvolvimento as crianças se organizam em uma espécie de coletividade, será muito útil que seus pais os orientem de forma também organizada.

É muito comum, nesse estágio, as crianças discutirem, brigarem e se queixarem uns dos outros. Nesse caso, o pai que se coloca do lado de seu filho e discute com os pais do outro, comete um erro. Se a criança veio chorando, sente-se ofendida, ou sofre, e está irritada, o pai não deve tomar partido e brigar com o pressuposto ofensor e com seus pais. Antes de tudo deve interrogar tranqüilamente seu filho e tratar de reconstruir o quadro exato do que aconteceu. É raro que somente uma parte seja culpada. O mais provável é que o ofendido também se tenha exal-

tado, é então o momento oportuno para lhe explicar que no jogo tem que haver tolerância e que se deve fazer o possível para resolver os conflitos com soluções pacíficas. Deve-se procurar então reconciliá-lo com o seu rival, convidando-o para vir à sua casa, travando logo relação com seus pais para esclarecer a situação. Neste caso o mais importante é que não se leve em consideração exclusivamente o próprio filho, mas todo o grupo, tentando educá-lo em conjunto e contando com a solidariedade dos outros pais. Este será o procedimento mais fecundo sob o ponto de vista educativo. A criança perceberá que o pai não se deixa influenciar pela parcialidade familiar, que atua com critério social, e verá nisso um exemplo para a sua própria conduta. Não há nada mais prejudicial que a agressividade dos pais para com os vizinhos; é um fator que produz na criança um caráter intratável, desconfiado, um egoísmo familiar, selvagem e cego.

No terceiro estágio a orientação do jogo não se encontra nas mãos dos pais, está na escola ou na organização esportiva, mas eles têm ainda grandes possibilidades de influir de forma construtiva sobre o caráter do filho. Em primeiro lugar, deve-se tomar cuidado especialmente para que a atração pelo esporte não adquira o caráter de uma paixão dominante e orientar a criança para os outros aspectos da atividade que deve desenvolver. Quanto ao sentimento de orgulho pelo êxito alcançado, é necessário infundir-lhe uma consciência coletiva para que o sinta principalmente como membro de uma coletividade — equipe ou organização — mais que a título pessoal. É necessário também moderar toda a exibição, incutir o respeito pelo adversário e chamar a atenção sobre a organização, treinamento e disciplina da equipe. Finalmente, deve-se educá-lo para que saiba assumir uma atitude serena diante dos êxitos e dos fracassos. Neste estágio será muito proveitoso que os pais conheçam de perto os integrantes da equipe da qual faz parte o seu filho.

Durante as três etapas é fundamental que o jogo não absorva toda a vida espiritual da criança e que, paralelamente, se desenvolvam seus hábitos de trabalho.

A educação do jogo exige sempre que se incuta na criança a aspiração a um prazer mais integral que o de uma simples contemplação, que lhe infunda a coragem necessária para superar as dificuldades e eduque a imaginação e o impulso intelectual. No segundo e terceiro estágios deve-se lembrar sempre que a criança ingressou numa sociedade e que sua aprendizagem não se limita ao jogo, mas também a atuar como membro de uma coletividade, relacionando-se corretamente com as pessoas.

Resumindo o que foi dito:

O jogo tem grande importância educativa, porque prepara o homem para o trabalho, o qual vai substituindo aquele de forma gradativa.

Muitos pais não dedicam suficiente atenção a este problema e abandonam a criança à sua própria sorte, ou rodeiam-na com inúmeros brinquedos e cuidados.

Os métodos são diferentes nas diversas etapas, mas sempre deve-se dar à criança a possibilidade do desenvolvimento correto e espontâneo de suas capacidades, sem negar-lhe ajuda nos casos difíceis.

Durante o segundo e terceiro estágios, mais que o jogo, as relações da criança com os outros e com a coletividade necessitam de orientação.

Quinta Conferência

O TRABALHO NA EDUCAÇÃO FAMILIAR

Não se concebe uma educação soviética correta que não seja uma educação para o trabalho. O trabalho sempre foi fundamental para o homem a fim de assegurar seu bem-estar e sua cultura.

Em nosso país deixou de ser objeto de exploração, para converter-se em motivo de honra, de glória, de valor, de heroísmo. Somos um Estado de trabalhadores e nossa Constituição estabelece: "Aquele que não trabalha não come."

Por isso o trabalho deve ser também um dos elementos básicos da educação. Tentaremos analisar detalhadamente o sentido e a importância da educação familiar para o trabalho.

Primeiro: Os pais devem lembrar-se antes de tudo que o filho será membro de uma sociedade de trabalhadores, e que seu desempenho nessa sociedade e seu valor como cidadão dependerão exclusivamente do grau de sua participação no trabalho social, de sua capacitação para esse trabalho.

Seu bem-estar e seu nível material de vida também dependerão de sua contribuição no trabalho social, e nossa Constituição diz: "De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo seu trabalho."

Sabemos que, por natureza, todos os indivíduos têm propensões aproximadamente iguais para o trabalho, mas, na vida real, uns trabalham melhor que os outros; enquanto somente alguns são capazes de realizar tarefas muito simples, outros podem efetuar as mais complexas, e conseqüentemente as de mais valor. Essas diferentes capacidades de trabalho não são inatas, formam-se no curso da vida e em especial durante a juventude.

Disso se deduz que a educação não é somente a preparação de um cidadão bom ou mau, mas também a preparação de seu futuro nível de vida, de seu bem-estar.

Segundo: Pode-se trabalhar por necessidade vital. Na história humana o trabalho teve quase sempre um caráter coativo, de esforço penoso, necessário para não se morrer de fome. Desde os tempos antigos o homem luta para liberar-se do trabalho

opressivo convertendo-o em força criadora, sem, entretanto, poder alcançá-lo tendo em vista as condições de exploração e de desigualdade classista.

No Estado soviético todo trabalho deve ser uma atividade criadora, pois, em sua totalidade, está dirigido para a criação da riqueza social e para ampliar a cultura do país dos trabalhadores. Daí que um dos objetivos da educação é a formação do hábito do trabalho criador.

Essa forma do esforço humano só é possível quando é realizado com amor, quando o homem sente o prazer da criação e compreende sua utilidade e necessidade, quando o esforço se transforma na forma fundamental de expressão de sua personalidade e de seu talento. Isso é possível somente quando se arraigou um hábito nesse sentido, quando nenhum esforço ou tarefa resulta penosa, e é necessário que tenha um sentido.

O trabalho não pode ser criador entre homens que temem o esforço, que não querem sentir suor na testa e que pensam em desembaraçar-se o quanto antes de uma tarefa para começar outra, a qual lhes parecerá gratificante somente até o momento em que a começam.

Terceiro: Não é apenas a capacitação do trabalhador o que se vai formando na conjunção de esforços, mas também a preparação do companheiro, porque simultaneamente se configuram relações corretas com os semelhantes; realiza-se uma formação moral.

O homem que a cada momento procura esquivar-se do esforço, que se limita a olhar como trabalham os demais e a aproveitar de seus frutos, é considerado como o ser mais imoral da sociedade soviética.

Pelo contrário, os esforços do trabalho e sua interdependência constante na produção dão origem a relações corretas, que não consistem apenas em que cada um dedique sua energia à sociedade, mas que ao mesmo tempo exija o mesmo dos outros e que não queira tolerar o seu lado parasita. É a participação no trabalho coletivo que permite a cada homem manter relações moralmente corretas com os seus semelhantes.

Afeto e amizade fraternal para com o homem trabalhador; indignação e repúdio para com o vagabundo que foge do trabalho.

Quarto: Seria falso acreditar que na educação para o trabalho desenvolvem-se unicamente os músculos, a vista, o tato, a destreza manual. O desenvolvimento físico produzido pelo esforço muscular tem sem dúvida grande importância e constitui

elemento de valor indispensável na cultura física, mas a utilidade principal dessa educação está no desenvolvimento psíquico e espiritual do indivíduo. Esse desenvolvimento espiritual, originado por um trabalho harmônico, deve constituir a qualidade que distingue o cidadão de uma sociedade sem classes do cidadão de uma sociedade classista.

Quinto: É indispensável assinalar também outra particularidade, à qual infelizmente se atribui pouca importância entre nós. O trabalho não só tem importância social e econômica, mas também um grande valor na vida privada.

Bem sabemos quão alegres e felizes vivem os homens capazes e tranqüilos, os que trabalham com êxito, os que sabem dominar e governar as coisas, e como, pelo contrário, sempre nos inspiram lástima os que recuam diante do menor obstáculo, os que não sabem contentar-se consigo mesmos, os que, se não recebem ajuda, vivem descontentes, na imundície, na desordem.

Os pais devem refletir sobre cada um desses problemas que assinalamos. Verão confirmada, em cada momento, em sua vida e na de seus amigos, a grande importância da educação para o trabalho. Na tarefa de educar seus filhos não devem esquecer-se nunca deste aspecto.

É difícil proporcionar aos filhos uma educação profissional no seio da família. Esta não tem os recursos necessários para propiciar uma qualificação profissional, que, em troca, se obtém nas organizações do Estado: escola, fábrica, administração, universidade.

Outrora a família se encarregava de capacitar os filhos: se o pai era sapateiro, o filho tinha que aprender o mesmo ofício, se era carpinteiro, o filho devia tornar-se carpinteiro. E as filhas, como é sabido, eram preparadas para serem donas-de-casa, sem que nem ao menos aspirassem outra coisa.

Agora é o Estado que se preocupa com a preparação profissional dos futuros cidadãos; com este objetivo possui numerosos institutos, muito bem equipados.

Mas não é por isso que os pais devem pensar que a educação familiar não tem nenhuma relação com a profissional. A preparação familiar é justamente a que tem maior importância na qualificação futura do indivíduo. A criança que recebe, no seio da família, uma educação correta, voltada para o trabalho, empreenderá logo, com maiores perspectivas de êxito, sua preparação especializada. E as crianças que não receberam nenhuma educação para o trabalho em seu lar, não poderão alcançar nenhuma qualificação, sofrerão freqüentemente fracassos e serão

maus trabalhadores, se os estabelecimentos estatais não conseguirem corrigi-los.

Os pais não devem acreditar que entendemos por trabalho somente o esforço físico, o trabalho muscular. Com o desenvolvimento da produção mecânica, o trabalho físico perde pouco a pouco a importância que tinha antes na vida social. O Governo soviético tem-se esforçado para suprimir completamente o trabalho físico pesado. Assim, vemos que na construção de edifícios, os tijolos são transportados por máquinas; o transporte manual diminui cada vez mais. Em nossas fábricas, sobretudo nas construídas depois da revolução, o trabalho físico pesado desapareceu por completo.

O homem dispõe, cada vez em maior abundância, de imensas forças físicas organizadas; o que se exige dele, e de forma crescente, é a capacidade intelectual e não física: organização, atenção, cálculo, criatividade, habilidade.

O movimento stakanovista, uma das manifestações mais destacadas de nosso país, não representa a mobilização das forças físicas da classe operária, mas a mobilização criadora de suas forças morais, liberadas da opressão pela grande revolução socialista. O verdadeiro stakanovista não confia principalmente em seus músculos, mas obtém sucesso aplicando novas formas de dispor o material e os instrumentos, novos implementos e novos métodos de trabalho. Que os pais não se esqueçam de que seu dever não é educar a força do trabalho bruto, mas formar stakanovistas, homens de trabalho socialista e de resultados socialistas...

Na educação soviética não há diferenças fundamentais entre o trabalho físico e o trabalho intelectual. A organização do esforço, sua face verdadeiramente humana, são aspectos tão importantes tanto num como no outro caso. Se damos a uma criança somente uma coisa para fazer, sempre a mesma, só trabalho físico, que não exija dela mais do que um gasto de energia muscular, seu valor pedagógico será muito reduzido, embora não seja totalmente inútil. A criança se habituará ao esforço, tomará parte no trabalho social, se educará normalmente trabalhando como todo o mundo, mas não será uma educação para o trabalho stakanovista se não lhe oferecermos tarefas interessantes, de forma organizada.

No tema que estamos considerando é importante o seguinte aspecto do método. Determina-se à criança uma tarefa que ela deve realizar aplicando um determinado procedimento, e cuja duração não deve estar forçosamente limitada ao breve intervalo

de um dia ou dois. Esta pode ser prolongada e prosseguir durante meses, ou anos. O que importa é dar à criança liberdade para a escolha dos meios e certa responsabilidade pela execução e qualidade da tarefa.

Será pouco proveitoso dizer à criança: "Eis aqui um espanador, tire o pó desta peça e o faça desta ou daquela forma." Muito mais acertado é pedir a ela que faça a limpeza da casa por um certo período, deixando-a decidir por si mesma como deve fazê-lo.

No primeiro caso não teríamos proposto a ela senão uma tarefa puramente física, no segundo lhe colocamos um problema de organização, por conseguinte uma questão mais elevada e útil. De forma que, quanto mais complexo e independente for o problema, tanto melhor será, quanto ao aspecto pedagógico. Nem todos têm consciência disso. Há os que confiam a seu filho uma determinada tarefa, mas se perdem nos pequenos detalhes; mandam que eles façam algumas atividades simples, quando seria melhor confiar-lhes uma tarefa contínua, como, por exemplo, cuidar para que na casa não falte sabonete ou pasta de dente.

A participação da criança nas tarefas domésticas deve começar cedo e iniciar-se com o jogo. Será confiada a ela a responsabilidade de cuidar dos seus brinquedos, de limpar e deixar em ordem o lugar onde brinca. O trabalho deve ser proposto em linhas gerais: tudo deve estar limpo, os utensílios em ordem, os brinquedos sem pó. Desde cedo alguns procedimentos devem ser indicados, mas em geral é melhor que ela mesma descubra a falta que faz um pedaço de pano para a limpeza, o qual será pedido à mãe, devendo conservá-lo em boas condições, etc. Também deve ficar a seus cuidados o conserto dos brinquedos, na medida das suas possibilidades, e para isso serão colocados à sua disposição os materiais necessários.

Com o decorrer do tempo, as tarefas adquirem mais caráter de trabalho que de brinquedo e se tornam mais complexas. Enumeramos alguns aspectos do trabalho infantil, deixando a cada família o cuidado de modificar ou ampliar a lista segundo as condições de vida e a idade das crianças:

1. Regar as plantas.
2. Tirar o pó de alguns móveis.
3. Arrumar a mesa.
4. Encher os saleiros e pimenteiros.
5. Cuidar do escritório do pai.

6. Ocupar-se com a arrumação da biblioteca familiar e deixar os livros sempre em ordem.
7. Receber os jornais e colocá-los em seu lugar, separando os velhos.
8. Alimentar o cão e o gato.
9. Limpar o lavabo, comprar sabonete, pasta de dente e as lâminas de barbear do pai.
10. Encarregar-se da arrumação de um quarto ou de algum canto.
11. Pregar os botões de sua roupa e deixar em ordem os materiais necessários.
12. Responsabilizar-se pela ordem do aparador.
13. Escovar as roupas do irmão menor e do pai.
14. Enfeitar o quarto com retratos, postais ou reproduções.
15. Quando houver uma hora, semear, cuidar e colher uma parte da produção.
16. Prestar atenção para que na casa sempre haja flores.
17. Atender o telefone e colocar em dia a agenda de endereços.
18. Ter um mapa do itinerário dos meios de transporte e marcar nele os lugares mais freqüentados pelos familiares.
19. As crianças maiores podem ocupar-se com a organização das saídas familiares a espetáculos, arranjar programas e arrumar as reservas dos lugares para onde vão.
20. Deixar em ordem a farmacinha doméstica, prestando atenção para que não falte o indispensável.
21. Manter a casa livre dos insetos.
22. Ajudar a mãe ou a irmã nos afazeres domésticos.

Cada família encontrará outras ocupações parecidas, mais ou menos divertidas e acessíveis à criança. É óbvio que o programa de trabalho não deve ser excessivo, mas convém que não haja uma diferença muito grande entre o acúmulo de tarefas domésticas dos pais e dos filhos.

Quando na casa há empregadas, as crianças se acostumam a depender do trabalho delas quando elas próprias poderiam fazê-lo. Os pais devem vigiar este aspecto e não permitir que ninguém realize as tarefas que a criança pode e deve levar a cabo por seus próprios meios.

Ao distribuir-se o trabalho no ambiente familiar é necessário levar em conta a tarefa escolar da criança — que é mais importante —, para evitar que ela se veja diante de obrigações excessivas. A tarefa escolar é prioritária e as crianças devem compreender que com ela não cumprem somente uma função pessoal mas também uma função social, da qual terão que prestar contas aos pais e ao Estado. Mas seria errôneo enaltecer somente o trabalho escolar e desestimular qualquer outro. A dedicação exclusiva ao trabalho escolar é inconveniente porque desperta nas crianças um desdém total pela vida e pelo trabalho do grupo familiar. A atmosfera coletivista deve estar sempre presente na família e traduzir-se através da freqüente ajuda mútua de seus integrantes.

Como se pode e se deve provocar na criança o esforço de trabalho? Das mais variadas formas. Na primeira infância há que se recorrer aos recursos apropriados para sugerir e ensinar muitas coisas à criança, mas em geral a forma ideal consiste em que ela, por iniciativa própria, se determine a necessidade de realizar uma tarefa — tendo em vista que a mãe ou o pai não têm tempo para fazê-la — e colabore espontaneamente. Educar a boa vontade para o trabalho e a atenção para as necessidades do grupo familiar é educar um verdadeiro cidadão soviético.

Ocorre com freqüência que a criança — por inexperiência ou orientação deficiente — não percebe certas características de determinados trabalhos. Então é necessário mostrar-lhe com habilidade, ajudá-la a orientar-se com relação ao problema e tomar parte na sua solução. Freqüentemente, a melhor maneira de fazê-lo é despertar um interesse técnico pelo trabalho, sempre que não se abuse deste procedimento. A criança deve acostumar-se também a realizar tarefas que não lhe interessem muito e que, à primeira vista, não lhe tragam resultados muito agradáveis. A educação deve sublinhar que o fator que impulsiona o trabalho não é o seu caráter divertido, mas a sua utilidade, a necessidade de realizá-lo.

Essa educação será eficaz quando se chega ao ponto em que a criança executa tarefas desagradáveis pacientemente, sem queixas. Neste caso, paralelamente ao seu crescimento, adquirirá uma sensibilidade tal que o trabalho menos gratificante chegará a proporcionar-lhe prazer somente pelo fato de compreender sua utilidade social.

Quando a necessidade ou o interesse não são suficientes para despertar na criança o desejo de realizar uma tarefa, é preciso recorrer ao pedido. Esta forma de se dirigir à criança dife-

rencia-se das outras porque lhe dá total liberdade para escolher, e para isso é preciso pedir de modo que o pequeno acredite que cumpre a tarefa por sua própria vontade, sem nenhuma pressão. Deve-se dizer-lhe algo assim: "Tenho uma coisa para pedir a você embora seja difícil e você tenha muitas coisas para fazer... mas..."

O pedido é a melhor e mais suave maneira de proceder, mas não se deve abusar dele. É recomendado quando se está seguro de que a criança vai realizá-lo com prazer. Quando se tem alguma dúvida a respeito, convém recorrer à ordem comum, que deve ser transmitida tranqüilamente, de modo simples e concreto. Quando se sabe alternar habilmente ordens e pedidos desde o início, e sobretudo quando se consegue estimular a iniciativa pessoal da criança, habituando-a a sentir a necessidade do trabalho e a executá-lo de bom grado, as ordens podem ser dadas com suavidade. Mas se houve negligência na educação, será necessário empregar a coerção para que a criança cumpra sua tarefa.

A coerção pode ter diferentes formas, desde a simples repetição de uma ordem até a reiteração imperiosa e exigente. Em nenhum caso se deve recorrer à coação física, pois é a menos útil de todas e não provoca senão desgosto pela tarefa.

Uma das coisas que mais preocupam os pais é saber como devem tratar uma criança preguiçosa. Devemos prevenir que a preguiça ou a falta de gosto pelo esforço físico raras vezes é fruto de um estado de saúde precário, de debilidade física ou de falta de energia. Se fosse assim, o melhor seria recorrer a um médico. Mas, na maioria dos casos, a preguiça não se deve senão a um mau hábito; é que os pais não desenvolvem a energia da criança desde cedo, não a acostumam a enfrentar as dificuldades, não despertam seu interesse pelas tarefas domésticas e não a habituam ao trabalho nem às satisfações que ele proporciona.

Não há senão um meio de luta contra a preguiça: atrair devagarinho a criança para a atividade, despertando lentamente o seu interesse pelo trabalho.

Ao mesmo tempo, deve-se lutar também contra outros defeitos. Há crianças que fazem as suas tarefas — quaisquer que sejam — sem entusiasmo, sem interesse, sem satisfação e sem pensar no que estão fazendo. Só trabalham para evitar sermões e reprovações. É um trabalho que lembra freqüentemente o esforço de um animal de carga. Os trabalhadores desse tipo costumam perder o controle de seu trabalho e se habituam a prescindir de toda a crítica. Logo se convertem em objetos de exploração e trabalham para todos, inclusive para sujeitos que não fazem

nada. O Governo soviético não pode favorecer semelhante submissão quase animal, fruto principalmente de uma carência total de conceitos morais sobre o próprio trabalho e o dos outros.

É verdade que o nosso sistema de produção não permite a exploração do homem pelo homem, mas existem ainda muitos "amadores" capazes de explorar o trabalho do próximo no ambiente familiar, na vida diária. Nossa educação deve pretender de forma categórica que não haja em nossa sociedade indivíduos que possam ser explorados e que nenhum desejo de exploração possa desenvolver-se no próprio ambiente familiar. Os pais devem tomar cuidado para que os filhos maiores não explorem os menores e para que não haja nenhuma desigualdade na divisão das tarefas, permitindo unicamente a ajuda mútua.

Falta-nos dizer algumas palavras sobre a qualidade do trabalho. Trata-se de uma questão muito séria e que merece muita atenção.

A qualidade está condicionada pelas possibilidades físicas e intelectuais da criança, e deve-se levar em consideração sua falta de experiência e de capacidade física para realizar um trabalho perfeito em todos os seus aspectos.

Quando ela realiza um trabalho deficiente não se deve envergonhá-lo ou censurá-la. Deve-se dizer-lhe simples e serenamente que o trabalho não está satisfatório, que ela deve modificá-lo, corrigi-lo ou refazê-lo. Também não se deve fazer o trabalho por ela. Só em alguns casos raros os pais podem terminar o que está fora das possibilidades da criança, corrigindo assim os erros em que incorreram ao indicar a tarefa.

Somos absolutamente contra as recompensas e os castigos. Qualquer que seja a índole do trabalho e o esforço necessário para o seu cumprimento, deve produzir na criança satisfação e alegria. Reconhecer que seu trabalho está bem feito, é o melhor prêmio. Elogiar sua criatividade, seu espírito de empreendimento, seus métodos de trabalho, sua capacidade para esforçar-se, é também recompesá-la. Mas não se deve abusar das aprovações verbais, particularmente das felicitações diante dos companheiros e dos amigos dos seus pais.

Menos ainda se deve castigar a criança por um trabalho mal feito ou incompleto. O mais importante, nesse caso, é conseguir que, apesar de tudo, o trabalho seja concluído.

Sexta Conferência

ECONOMIA FAMILIAR

Cada família tem a sua economia. Diferentemente do que ocorre na sociedade burguesa, o patrimônio da nossa família provém exclusivamente de um trabalho que não se baseia em objetivos de exploração humana, e pode crescer unicamente através dos salários de seus membros e não porque estes andem atrás do lucro. Esse patrimônio compõe-se de coisas de uso pessoal, com exclusão de todo meio de produção, que, em nosso país, é de propriedade social.

Na sociedade burguesa a família rica investe parte de seu patrimônio em meios de produção para explorar o trabalho alheio, com o objetivo de aumentar a produção e enriquecer-se ainda mais. Entre nós, isso é impossível. O enriquecimento de nossa família traduz-se simplesmente numa vida melhor e mais feliz, na aquisição de mais objetos de uso pessoal e na satisfação das necessidades. É natural que toda família queira melhorar sua vida mediante o aumento de seus recursos, mas não o faz explorando de forma ladina os outros seres humanos, e sim por meio da participação ativa de seus membros na vida e no trabalho de todo o povo soviético. Seu patrimônio não depende só de seus próprios esforços mas dos lucros de todo o país, de seus triunfos e êxitos no panorama econômico e cultural.

A criança é um membro da família e, portanto, participante de sua economia; participante também, em certa medida, de toda a economia soviética. Sua educação no campo econômico deve tender a capacitá-lo para um desempenho fecundo no terreno familiar e estatal. Para os educadores da sociedade burguesa esse objetivo não existe. Ali o homem se interessa apenas por seu enriquecimento pessoal, a economia estatal ocupa um lugar pouco importante na massa de unidades econômicas privadas. Entre nós, todo homem deve participar de forma obrigatória na economia estatal, e, quanto mais preparação tenha para isso, mais proveito trará para toda a sociedade soviética e para si mesmo.

É necessário compreender bem esse problema e meditar sobre ele de vez em quando, para analisar periodicamente os mé-

todos educativos correspondentes, através de um conceito político claro dos objetivos da educação.

Há quem pense que o processo educativo se realiza somente quando se conversa com as crianças, ou quando se orienta o seu jogo ou as suas relações com os outros. É evidente que essas atividades têm grande utilidade pedagógica, mas o proveito será insignificante se não se educa a criança no campo econômico, visto que, no futuro, não deverá ser somente um homem honesto e bom, mas também um administrador soviético honesto e construtivo.

A economia familiar é um campo propício para educar muitos aspectos do caráter do futuro cidadão administrador. Na breve conversa de hoje não é possível enumerar todas essas particularidades. Vamos nos referir às principais.

Com uma orientação correta da economia familiar educa-se o coletivismo, a honestidade, a previsão, o cuidado, o senso de responsabilidade, a capacidade de orientar-se e a capacidade operativa.

Analisaremos cada um desses aspectos.

COLETIVISMO. No sentido lato, coletivismo significa solidariedade do homem para com a sociedade. Sua antítese é o individualismo. Por causa de uma atenção deficiente dos pais, em algumas famílias se formam individualistas. Se a criança ignora até a juventude a fonte dos recursos familiares, se se acostuma a satisfazer somente suas necessidades e não repara nas dos outros, se não vincula sua família com toda a sociedade, se cresce como um consumidor ávido, é porque foi objeto de uma educação individualista, que mais tarde será muito prejudicial para toda a sociedade e para ela própria.

Isso costuma ocorrer porque os pais não têm consciência clara do problema e só se preocupam para que não falte nada à criança, para que esteja bem alimentada, bem vestida e cheia de brinquedos e satisfações. Procedem assim movidos por grande bondade e amor; privam-se de muitas coisas indispensáveis sem que o filho o saiba, fazendo com que ele acredite que é um ser privilegiado e que sua vontade é lei para seus pais. Desconhece por completo em que consiste o trabalho de seus pais, as dificuldades que enfrentam e a importância e utilidade que representam para a sociedade. Com mais razão ainda não sabe nada a respeito do trabalho dos outros. Só conhece seus próprios desejos e satisfações.

Uma educação semelhante é incorreta demais e as primeiras vítimas dela são os pais. Em nosso país a única educação correta é a do coletivista, e é necessário dirigi-la com toda consciência e regularidade. Para isso recomendamos o que segue:

1. A criança deve saber o quanto antes onde trabalham seus pais, em que consiste seu trabalho, quais são suas dificuldades e êxitos, a índole da produção e seu valor social. Os pais devem aproximá-la de alguns companheiros de trabalho e colaboradores e fazê-la conhecer seus méritos. Quando já formaram uma opinião desfavorável de alguém, não devem revelá-la aos filhos.

Em geral a criança deve compreender o quanto antes que o dinheiro ganho por seus pais não é somente um cômodo elemento aquisitivo, mas fruto de um trabalho social intenso e útil. Os pais devem explicar essas coisas à criança de maneira simples. De acordo com a idade e de forma clara e acessível à sua compreensão, explicarão a ela os objetivos e os lucros de outras empresas da União Soviética. É útil também fazê-la ver a fábrica e explicar-lhe o processo de produção.

Quando a mãe se ocupa unicamente de afazeres domésticos, a criança deve conhecer e respeitar esse trabalho e compreender que ele exige esforços e preocupações.

2. A criança deve conhecer o quanto antes o orçamento familiar e o salário dos pais. Longe de lhe ocultar o plano financeiro da família, é necessário atraí-la para a resolução de seus problemas. É necessário que conheça as necessidades dos pais e aprenda a moderar as suas satisfações em favor de outros membros da família. Em particular deve ter conhecimento de problemas tais como a aquisição de baixelas, móveis, rádio, livros, revistas, etc.

3. Quando a situação econômica da família é próspera, deve-se evitar que a criança se vanglorie disso diante dos outros, que se envaideça de sua roupa ou casa. Ela deve compreender que o simples fato de possuir riqueza não lhe pode servir de base para a sua vaidade. Quando o orçamento familiar é folgado, é preferível investir dinheiro em necessidades comuns do que satisfazer necessidades secundárias da criança; é melhor comprar livros do que uma roupa supérflua.

Mas quando a situação econômica da família é precária, deve-se evitar que a criança inveje as outras. É preciso que ela saiba que há mais dignidade na luta penosa pelo progresso que na mera posse de dinheiro. São circunstâncias nas quais se deve

ensinar a paciência, o desejo de um futuro melhor — que é acessível a todos em nosso país —, a condescendência mútua e uma disposição alegre para compartilhar com um amigo. Os pais nunca devem queixar-se na presença da criança, e devem mostrar-se otimistas e alegres, sempre confiantes no futuro e empenhados na melhoria da economia familiar. Cada prosperidade efetiva deve ser lembrada e sublinhada.

HONESTIDADE. A honestidade não cai do céu, adquire-se por meio da educação na família. Também nela pode formar-se a desonestidade: tudo depende do método educativo.

O que é honestidade? É a atitude sincera, aberta. A desonestidade é tapeação, falta de sinceridade. Se a criança deseja uma maçã e manifesta o seu desejo abertamente, é honesta. Se esconde esse desejo e tenta apoderar-se da maçã sem que ninguém a veja, comete uma desonestidade. Se a mãe lhe dá essa fruta às escondidas, longe das outras crianças — mesmo que se trate de estranhos — essa sua atitude de ocultar as coisas é uma desonestidade. A atitude de esconder as coisas no ambiente familiar — guardar alguma coisa em segredo, comer nos cantos, esconder os doces — são todos fatos que propiciam a desonestidade. Só numa idade mais avançada, a criança aprenderá a distinguir o segredo útil, ou seja, o que se deve esconder por razões plausíveis, e, em geral, o que constitui uma vivência pessoal. Na primeira infância, quanto menos segredos a criança tiver e mais franca for, tanto melhor será para sua educação.

A honestidade é um problema educativo de fundamental importância e é preciso dedicar-lhe atenção cuidadosa. Não é necessário esconder as coisas da criança, mas habituá-la a não pegar nada sem pedir. Pode-se deixar deliberadamente coisas tentadoras à vista para que se acostume a vê-las tranqüilamente, sem desejá-las com avidez. Esta atitude tranqüila em relação às coisas acessíveis deve formar-se desde muito cedo. Ao mesmo tempo, deve-se cuidar para que haja ordem, para que cada coisa esteja em seu lugar, que se saiba o que há na casa e onde está. Quando há desordem, desenvolve-se de maneira espontânea uma atitude arbitrária em relação às coisas e a criança faz com elas o que quiser, sem dizer nada a ninguém, e se habitua dessa forma com uma conduta desonesta. Se ela é encarregada de comprar algo, deve-se verificar a compra e o troco, e fazer isso até que se arraiguem nela sólidas normas de honestidade. Esse controle deve ser feito de forma discreta para que a criança não pense que se duvida dela.

Novamente chamamos a atenção dos pais sobre a necessidade de incutir honestidade desde muito cedo. Nesse sentido, todas as faltas que se cometem até os cinco anos são muito difíceis de serem corrigidas.

PREVISÃO. Os objetos que integram o patrimônio familiar envelhecem e devem ser substituídos por novos, e nessa aquisição se investe uma certa quantidade de dinheiro. A criança percebe isso e é necessário que desde os primeiros anos se habitue a usar as coisas de forma racional. Um bom administrador deve prever sempre quais são as coisas que começam a tornar-se inúteis, evitar seu desgaste prematuro e consertá-las a tempo, e comprar apenas o que é efetivamente necessário e não o que tenha visto por casualidade na feira ou em qualquer outro lugar.

Estas são as questões que integram o setor da previsão. Entretanto, deve-se tomar cuidado com o excesso de previsão, porque em alguns casos traz preocupações desnecessárias além de que todo o restante é esquecido, coisa que não deve suceder ao administrador soviético. Nossa previsão deve ser tranqüila e estar baseada em cálculo racional, feito com a devida antecipação, e na capacidade de escolher o necessário e deixar de lado o supérfluo. Mas a principal característica da previsão soviética é que de modo algum está relacionada com a cobiça. A previsão soviética distingue-se da voracidade acumulativa da família burguesa. É importante que a criança se habitue a ter mais cuidado com as coisas dos outros membros da família do que com as próprias, particularmente com os objetos de uso familiar comum.

Na previsão está implícito o princípio da planificação. A criança deve acostumar-se com ela desde pequena. Periodicamente ela será chamada para participar na deliberação familiar sobre as novas necessidades e emitir sua opinião sobre a forma de provê-las. Por exemplo, quando a criança sabe que o sofá está gasto, que é necessário consertá-lo ou trocá-lo e que todos concordam neste ponto, condicionará com antecipação suas necessidades pessoais a essa necessidade geral e será a primeira a lembrá-la aos pais. Em todos os casos convém incutir-lhe o hábito de fixar-se nos detalhes importantes e na interdependência destes. Ocorre às vezes que um objeto valioso pode deteriorar-se por falta de algum elemento insignificante para a sua conservação; isso será evitado quando se começar a observar os detalhes.

CUIDADO. É uma forma especial da previsão, e a diferença está em que esta última se manifesta mais no pensamento,

nas concepções, enquanto que o cuidado é uma questão de costume. Pode-se prever e, ao mesmo tempo, não se ter o costume de ser cuidadoso, costume esse, aliás, que deve ser incutido na criança o quanto antes. A criança deve ser ensinada desde pequena a comer sem sujar a toalha ou a roupa, e a usar os objetos sem sujá-los nem quebrá-los. Não obstante as múltiplas dificuldades que encontra para formar esses costumes, deve empenhar-se em alcançá-los. Não há ensinamento que valha a pena nesta matéria se não existe o costume, que só se adquire através de muito exercício. Se a criança ao correr pela casa derrubou uma cadeira, não se deve proferir todo um discurso sobre isso, mas apenas dizer-lhe: "É provável que possa passar sem derrubar a cadeira. Tente fazê-lo. Ótimo! Você consegue fazer muito bem."

Se, por exemplo, uma criança de sete anos sujou ou rasgou a roupa, deve-se dar-lhe outra, dizendo-lhe: "Aqui tem outra roupa. Está limpa. Vamos ver como ela estará daqui a uma semana."

É necessário infundir na criança o desejo de ser sempre cuidadosa; acostumá-la, por exemplo, a usar os sapatos limpos a tal ponto que se sinta inibida de usá-los sujos.

Deve-se ter também cuidado especial com as coisas dos outros, especialmente com as de uso coletivo. Por isso nunca se deve permitir à criança que seja negligente com os objetos da rua, do parque, do teatro.

RESPONSABILIDADE. Não consiste no medo do castigo, mas no sentido desagradável que se experimenta quando se tem culpa pelo estrago ou destruição de uma coisa. No sentido literal, é o sentimento desagradável ou a inibição que se sente quando se está para realizar um ato que não está de acordo com a moral soviética. Esta é a responsabilidade que devemos formar no cidadão soviético, e por isso não se deve castigar a criança pelo estrago das coisas ou ameaçá-la com castigos, mas procurar que veja o prejuízo causado por sua atitude negligente e para que se arrependa disso. Dessa forma, deve-se explicar a ela todos os efeitos da negligência, mas será mais útil se ela os sentir pela própria experiência. Se quebrou, por exemplo, um brinquedo, não se deve jogá-lo fora e apressar-se em comprar-lhe outro, ao contrário, é importante que durante algum tempo ela veja o brinquedo quebrado e sinta a necessidade de consertá-lo. Convém que os pais conversem sobre esse conserto, para que a criança veja a preocupação que lhes causou e que o interesse de seus pais pelo brinquedo é maior que o seu próprio. Depois de feito o con-

serto, é útil que o pai ou a mãe digam em tom de brincadeira: "Agora já está consertado, mas será que devemos dar-lhe ou não? Será que você não vai se descuidar dele, quebrando-o novamente?"

Em tais casos a criança começa a compreender que seus atos produzem efeitos desagradáveis e surge nela uma sensação espontânea de responsabilidade. À medida que passa o tempo, essa responsabilidade espontânea deve converter-se num hábito e ser obrigatória. Se mais tarde a criança demonstra uma negligência francamente inadmissível, já não cabe um tom de brincadeira para provocar a sensação de responsabilidade, mas deve-se exigir uma ordem maior em tom mais sério, usando inclusive uma expressão como: "Isto já é inadmissível. Tome cuidado para que isto não ocorra outra vez."

É particularmente importante incutir-lhe responsabilidade nos casos em que estão em jogo os interesses dos outros membros da família ou interesses sociais. Isto não é difícil quando existe na família um ambiente coletivista correto.

CAPACIDADE DE ORIENTAÇÃO. É um requisito essencial para formar um bom administrador. Consiste fundamentalmente na capacidade de ver e compreender todos os detalhes relativos a um determinado caso. Por exemplo: enquanto se trabalha não se deve esquecer que atrás e ao lado há também homens ocupados com alguma tarefa. A orientação é impossível se se tem o costume de perceber só o que está sob as nossas vistas, e não enxergar nem sentir o que acontece ao nosso redor. É uma capacidade muito importante na atividade econômica. Ao fazer algo, a criança não deve esquecer-se de suas outras tarefas e do trabalho dos outros. Quando brinca, deve saber que está rodeada de coisas que merecem cuidado; ao cumprir uma ordem, deve voltar com pontualidade e realizar em seguida uma tarefa pessoal ou familiar.

Para formar essa capacidade é útil recomendar à criança mais de uma atividade, que seja uma tarefa condicional ou combinada. Citaremos alguns exemplos simples: "Coloque em ordem a biblioteca e, ao mesmo tempo, selecione os livros pelos autores. Compre arenques, mas, se no armazém houver bom gobio, não compre arenque e sim gobio."

A capacidade de orientação é formada com o constante exercício de tarefas econômicas e com o conhecimento de todos os detalhes e peculiaridades da economia.

CAPACIDADE OPERATIVA. É necessária para realizar tarefas econômicas prolongadas, que excedam os limites de uma atividade breve. Desde os sete ou oito anos, e às vezes antes, pode-se encarregar a criança de cuidar do irmão menor, regar as plantas, manter os livros em ordem, alimentar o gato.

Uma questão particularmente importante é a dos gastos. Recomendamos insistentemente a cada família para que dê à criança certa autonomia em seus gastos pessoais e, em alguns casos, também nos familiares. Para isso deve-se entregar a ela, uma ou várias vezes por mês, determinadas quantias de dinheiro com uma distribuição precisa dos diferentes gastos, cuja lista estará em relação com a idade da criança e com os recursos da família. Por exemplo, um rapaz de catorze anos pode ser encarregado do seguinte: gastos de ônibus, compra de cadernos, sabonete e dentifrício para a família, gastos de cinema para ele e para o irmão menor. Essa lista será mais ampla e implicará maior responsabilidade dependendo da idade da criança.

É importante conhecer a forma como as atividades são cumpridas e se a criança abusa ou não de sua liberdade para gastar, ou a aproveita mais para suas satisfações pessoais que para o que foi determinado. Às vezes a criança pode enganar-se por causa de um erro na soma fixada, mas ocorre também que nem sempre ela encara com suficiente seriedade seu direito e suas possibilidades. Nesse caso basta explicar-lhe seus erros e aconselhar a sua correção. Mas de todas as formas não se deve aborrecê-la com comprovações constantes e menos ainda com uma permanente desconfiança. O que importa saber é como ela procede nessas atividades.

Terminamos o exame das principais particularidades da economia familiar. Os pais encontrarão em sua experiência muitos e variados exercícios para uma correta educação econômica de seus filhos. Devem lembrar-se de que, formando um administrador honesto e eficiente, estarão ao mesmo tempo formando um bom cidadão. É importante que a economia doméstica se organize de forma coletivista, tranqüila e disciplinada, que não haja nervosismo nem resmungos, e que predomine um clima amistoso e um desejo solidário de melhorar a vida familiar.

Resumamos a conferência de hoje.

A atividade econômica da família é um cenário importantíssimo para o trabalho educativo. Nela se forma:

O coletivismo, ou seja, uma solidariedade real do homem com o trabalho e com os interesses dos outros e os interesses sociais. O coletivismo se desenvolve aproximando-se a criança das

condições de trabalho dos pais, fazendo-a participar da realização do orçamento familiar, com sobriedade em tempos de abundância e com dignidade em época de escassez.

A honestidade, ou seja, uma atitude aberta e sincera em relação aos homens e às coisas.

A previsão, ou seja, a atenção constante sobre as necessidades familiares e sobre o plano para satisfazê-las.

O cuidado, ou seja, o costume de conservar as coisas.

A responsabilidade, ou seja, o sentimento de culpa e de algo desagradável em caso de estrago ou destruição de uma coisa, ou de haver cometido um ato contrário à moral soviética.

A capacidade de orientação, ou seja, a capacidade de focalizar um conjunto de elementos e problemas.

A capacidade operativa, ou seja, a capacidade de distribuir o tempo e o trabalho.

Toda a economia familiar deve ser coletivista e desenvolver-se em tom tranqüilo e sem nervosismo.

Sétima Conferência

EDUCAÇÃO DE HÁBITOS CULTURAIS

Incorrem em erro crasso os pais que pensam que a formação cultural é uma obrigação que cabe somente à escola e à sociedade, e que a família nada pode fazer nesse sentido. Todos nós conhecemos famílias que se preocupam muito com a alimentação da criança, com suas roupas e brinquedos, e estão convencidas de que na idade pré-escolar deverá apenas brincar, acumular forças e saúde e que, no ambiente da escola, é que entrará em contato com a cultura.

Na verdade, a família não só é obrigada a começar a formação cultural o mais cedo possível, como também dispõe, com esse objetivo, de muitas possibilidades, as quais devem ser usadas da melhor maneira.

Não se trata de um problema difícil, desde que os pais acreditem que é sua obrigação pedagógica formar hábitos culturais na criança e que poderão cumpri-la mesmo que não tenham muitos elementos para isso. Quando os pais não lêem jornais, nem livros, nunca vão ao teatro ou ao cinema, não se interessam pelas exposições e museus, será muito difícil para eles orientar a formação cultural de seus filhos. Nesse caso, por mais que se empenhem, suas atitudes parecerão falsas, artificiais, a ponto de a criança perceber, fato este que poderá levá-la a pensar que não se trata de uma questão importante.

Ao contrário, na família em que os pais têm uma vida cultural ativa, em que o jornal e o livro constituem uma necessidade, em que os problemas do teatro e do cinema interessam a todos, a formação cultural será importante mesmo quando parecer que os pais nem pensam nela. Não se pode concluir daí que a formação de hábitos culturais pode se dar espontaneamente, e que esta é a melhor forma de consegui-los. O automatismo neste aspecto — como em qualquer outro — pode causar muito prejuízo, porque os efeitos da educação são menosprezados, o que pode ocasionar muitos erros. O automatismo costuma ser, principalmente, a causa de situações em que os pais começam a perguntar a si mesmos, consternados: De onde provém isso? Onde a criança adquiriu essas idéias, esses hábitos?

A formação cultural é eficaz quando é organizada conscientemente, com um plano, com um método adequado e com controle. Deve começar o quanto antes, quando a criança ainda está longe da etapa da leitura, no período de seu desenvolvimento sensorial, quando começou a ver e ouvir com clareza e a balbuciar algumas palavras.

Um conto bem relatado já é um começo de formação cultural. Seria muito útil que na biblioteca de cada família houvesse uma coleção de contos. Nos últimos tempos tem-se editado muitas coleções interessantes. É claro que nem todos podem ser contados tal como estão no livro, é preciso abreviá-los e adaptar sua linguagem à compreensão infantil. O mesmo pode-se dizer com relação aos contos que os pais se lembram de sua meninice.

A escolha do tema tem grande importância. Antes de tudo deve-se excluir aqueles em cuja trama aparecem o diabo, as bruxas, fadas ou coisas parecidas, que só servem para crianças que já não se impressionam com essas velhas e tenebrosas invenções, e que estão em condições de perceber, no conto, somente a ficção artística, de entender que por trás das imagens dos diversos monstros há, geralmente, algo hostil e malévolo para o homem. Durante a primeira infância, as imagens malignas podem ser percebidas pela criança como reais e orientar sua imaginação para uma mística tenebrosa, que intimida.

Os melhores contos para as crianças pequenas são sempre relacionados com os animais. No acervo literário russo deste gênero, existem muitos e bons. O mesmo acontece com os outros povos da URSS; todos possuem uma rica tradição de contos. No momento oportuno se passará para aqueles cujo argumento se baseia em relações humanas. Há muitos relatos interessantes sobre João o Bobo, entretanto deve-se evitar aqueles que destacam a necessidade humana e qualificam ironicamente João de bobo. Como exemplo recomendável podemos citar o excelente conto de Erschov, "O cavalinho corcunda". O gênero é mais sério quando a trama do conto reflete a luta entre pobres e ricos, a luta de classes. Nesse sentido recomendamos aos pais um certo cuidado: evitar os contos sombrios que relatam e descrevem a morte de seres humanos.

Em geral, deve-se dar preferência ao conto que desperte a energia e a confiança nas próprias forças, que tenha um enfoque otimista da vida, que inspire esperança na vitória. A simpatia pelos oprimidos não deve associar-se à idéia de uma predestinação sem possível modificação. Os quadros angustiantes que se

referem a formas sombrias de violência e exploração podem ser exibidos somente às crianças maiores.

A observação de ilustrações é muito útil para o desenvolvimento da imaginação e de amplas noções sobre a vida. Além das revistas infantis pode-se utilizar, com essa finalidade, qualquer reprodução de quadros, gravuras ou fotografias cujo conteúdo seja adequado. São elementos que despertam e orientam a atenção da criança para os diferentes detalhes, para as relações entre as coisas observadas e suas causas, e sugerem muitas perguntas às crianças. Essas perguntas sempre devem ser respondidas de forma compreensível à mentalidade infantil. Se por qualquer circunstância fica difícil responder de maneira adequada, convém dizer: "Não adianta porque você não vai comprender, deixa para quando você for maior." Tais respostas não são prejudiciais; habituam a criança a aquilatar as suas possibilidades no momento em que formula perguntas e saber que lhe espera um futuro sério e interessante. Figuras desse gênero podem ser encontradas em diferentes jornais e revistas, como **Smena, Ogoniok** e outros.

O teatro e o cinema são apropriados para a criança somente quando se trata de temas especiais, destinados à idade correspondente. Em geral, na primeira infância é melhor abster-se do teatro e do cinema, pois o número de espetáculos adequados é insignificante. Por exemplo, a peça do simbolista Maeterlinck **O pássaro azul** é imprópria para as crianças pequenas. Alguns pais pensam que, por se tratar de um conto, não oferece inconvenientes. Mas, na realidade, trata-se de uma obra totalmente inacessível para crianças pequenas, e muitas de suas partes são incompreensíveis para as de idade mediana. A peça é de um simbolismo complicado e tenso, as coisas e os animais possuem características complexas, e contém muitas imagens rebuscadas e irreais ("terrores").

O ensino da leitura constitui um momento de transição importante na tarefa de formação de hábitos culturais. Comumente essa transição ocorre na escola e exerce grande influência na vida da criança, que se introduz no campo da palavra escrita e do livro — às vezes tira-lhe o interesse — superando com esforço as dificuldades técnicas que lhe colocam a letra e o processo da leitura. A iniciação deve realizar-se com habilidade, procurando-se evitar qualquer tipo de violência para com as crianças, sem que isso signifique estimular certa preguiça que costuma aparecer como decorrência da luta com as dificuldades.

Convém que os livros sejam acessíveis pelo seu conteúdo, impressos em tipos grandes e com muitas ilustrações. Ainda que a

criança não esteja em condições de lê-los, são úteis porque despertam seu interesse pela leitura e o desejo de superar suas dificuldades.

Uma vez aprendida a leitura, começa a etapa do estudo e da aquisição de conhecimentos. A escola adquire então importância primordial na vida da criança. Isso não significa, é claro, que os pais devem se esquecer de suas obrigações e deixar tudo por conta da escola. Não nos esqueçamos que a eficácia de todos os aspectos da educação durante a escolaridade depende muito da colaboração entre o lar e a escola, entre os quais deve haver sempre entendimento e ação solidária. Principalmente o clima cultural da família influi muito no trabalho escolar da criança, na qualidade e intensidade de seu estudo, na formação de relações corretas com os professores, os companheiros e toda a organização escolar. É então quando adquirem grande importância o jornal, o livro, o teatro, o cinema, o museu, as exposições e outros elementos da formação cultural. Iremos examiná-los separadamente.

O jornal diário. Mesmo que a criança ainda não saiba ler nem escrever e somente escute sua leitura, o jornal diário deve ocupar um lugar de destaque nas suas impressões. Em todo lar deve haver um jornal diário, que os pais não devem ler só para si, longe das crianças. Todos contêm material apropriado para ser lido em voz alta e comentado, e embora não seja feito especialmente para ser lido pela criança, convém fazê-lo na sua presença e de tal forma que pareça que se prescinde dela. De todas as formas a criança escutará e fará isso com mais atenção quanto mais natural for a atitude dos adultos. Qualquer jornal contém material relativo a sucessos internacionais, a demonstrações dos trabalhadores em ocasiões festivas, acontecimentos conhecidos, sucessos stakanovistas, atos heróicos e valorosos, construção e ornamentação de cidades, novas leis, etc.

Quando a criança já sabe ler, o jornal adquire importância cada vez maior. É melhor ainda quando a criança se torna assinante dos jornais mais antigos, mas, se houver alguma dificuldade para isso, não deverá ser considerado como um mal irreparável: os jornais soviéticos estão escritos em idioma acessível a qualquer pessoa alfabetizada e sempre contêm material interessante também para a criança. Naturalmente deve-se induzir que ela mesma o leia, que se transforme para ela em elemento indispensável. Mas também é necessário que a família comente o que foi lido, ou pelo menos faça uma menção a respeito. Esse comentário não deve ser feito de maneira formal, em uma hora

determinada e também não deve ser extenso. É interessante que pareça uma conversa informal, e melhor ainda que pareça ocasional, surgida por acaso como decorrência de algum problema doméstico ou de uma expressão pronunciada por alguém. Se não ocorrerem oportunidades dessa natureza, pode-se perguntar, simplesmente, o que há de interessante no jornal.

Durante a adolescência, a leitura de jornais deve ser um hábito generalizado da cultura soviética, uma manifestação de interesse ativo e caloroso das crianças para com a vida de sua pátria.

O livro. O contato com o livro deve começar também com a leitura em voz alta, atividade que deve transformar-se logo em hábito no ambiente familiar, qualquer que seja o grau de instrução da criança. No princípio, os pais atuarão como leitores, mas depois as próprias crianças o farão. É sempre útil que essa leitura não seja feita especialmente para a criança, mas para o círculo familiar, com o intuito de provocar troca de opiniões e juízos coletivos. Essas formas de leitura orientam o gosto da criança e habituam-na a encarar, com sentido crítico, aquilo que leu.

Independentemente da leitura em voz alta, é preciso incutir na criança, de forma gradativa, o gosto pela leitura silenciosa. Embora isso seja feito e orientado particularmente na escola, sobretudo com as crianças maiores, isso não impede que os pais possam fazer muito nesse sentido, observando os seguintes requisitos:

a) Controlar a escolha das leituras, pois mesmo agora vemos, muitas vezes, crianças com livros cuja procedência ignoramos.
b) Saber como a criança lê; deve-se ensiná-la a não devorar páginas e mais páginas mecanicamente e a, sem querer, seguir apenas o interesse externo do livro, o episódio anedótico, o que se costuma chamar de fábula.
c) Habituar a criança a cuidar do livro.

Muitos pais acreditam que a solução para o problema do livro exige um estudo especial, a preparação de uma pessoa entendida em livros. Erro crasso. A experiência prova que os leitores soviéticos sabem orientar-se perfeitamente na leitura e muitas vezes o fazem tão bem quanto os críticos literários. De qualquer forma, sempre cabe uma consulta a pessoas especializadas, como os mestres ou bibliotecários.

Cinema. Em nosso tempo o cinema é um poderoso fator educativo, tanto para as crianças como para os adultos. Na União

Soviética todos os filmes são realizados exclusivamente em estúdios estatais, e mesmo não sendo uma obra artística não se torna prejudicial à criança. Em sua grande maioria servem de excelente meio educativo. Entretanto, o cinema não deve constituir um prêmio que se dê à criança de forma ilimitada e sem controle.

Em primeiro lugar, deve-se conhecer a reação da criança diante do cinema. Quando absorve apaixonadamente e se transforma no principal objetivo de sua vida, fazendo com que ela se esqueça das outras obrigações e do trabalho escolar, estamos diante de uma situação inconveniente. A criança quer ver todos os filmes, gasta com isso todo o seu dinheiro e começa inclusive a tirá-lo às escondidas, em sua casa, para poder ir ao cinema.

Comumente, tal entusiasmo traz consigo também outros aspectos negativos. A criança se acostuma ao prazer passivo, que não vai além de uma simples impressão visual; limita-se a olhar, suas impressões artísticas são superficiais, não a tocam, não lhe sugerem idéias e problemas. A utilidade destes espetáculos é insignificante e freqüentemente são prejudiciais. É um assunto que requer vigilância constante.

Recomendamos que não se permita que a criança vá ao cinema mais de duas vezes por mês. Até os quatorze ou quinze anos, convém que os pais ou os irmãos maiores os acompanhem. Assim, além de controlar sua conduta, será proveitoso para os objetivos da leitura coletiva que recomendamos antes. Cada filme será objeto de um comentário breve na família, fazendo com que a criança emita a sua opinião e fale sobre suas impressões agradáveis e desagradáveis e sobre as coisas que mais despertaram o seu interesse. Se os pais observarem que ela não repara senão nos elementos exteriores do filme — o aspecto secundário do argumento, as aventuras dos heróis —, é preciso sugerir-lhe os aspectos mais importantes e profundos, seja através de perguntas, ou simplesmente emitindo a própria opinião.

Dentro de um certo critério, convém que os pais escolham os filmes, e para tanto não será difícil obter com antecedência as referências necessárias. Os filmes cujos temas oferecem dificuldades para a compreensão infantil devem ser evitados, do mesmo modo os que podem provocar reações inconvenientes por qualquer motivo. Os temas de amor e de doença também devem ser evitados quando ela ainda não tem idade suficiente para entendê-los. É claro que, ao fazer a escolha, deve-se levar em consideração o estado da criança, seu trabalho na escola e suas atitudes. A proibição ao cinema pode ser usada como sanção por uma conduta inconveniente ou por falta de cumprimento dos deveres

escolares. Mas, às vezes, o fato de assistir a um bom filme pode contribuir para corrigir a criança em relação aos deveres escolares e ao seu trabalho.

Teatro. Tudo o que foi dito sobre o cinema pode ser aplicado ao teatro também, com a diferença de que, neste caso, trata-se, com mais freqüência, de temas inacessíveis para a inteligência e sensibilidade infantis. Espetáculos como **Otelo** ou **Ana Karenina** são completamente inadequados para adolescentes. Deve-se também proceder com muito cuidado em relação a certos balés. Essa é a razão por que se proíbe a entrada em espetáculos teatrais noturnos antes de determinada idade.

A escolha da peça teatral não oferece dificuldades, porque em muitas das nossas cidades existem salas especiais para crianças, com repertórios adequados. A ida a estes teatros é muito útil. A obra teatral exige atenção séria e prolongada. Neste sentido o teatro difere do cinema. O fato de a obra ser representada com intervalos exige do espectador maior atenção para as particularidades do tema e contribui para que seja feita uma análise mais séria. A ida ao teatro constitui, em certa medida, um acontecimento na vida da criança, circunstância esta que os pais devem aproveitar bem.

A obra teatral deve ser comentada na família de forma mais ampla que o filme.

Museus e exposições. Quase todas as nossas cidades possuem museus ou galerias. Os pais não os visitam com muita freqüência, quando, na verdade, trata-se de um meio educativo muito valioso. É uma atividade que exige da criança uma profunda atenção; seu aspecto puramente recreativo é insignificante, mas, por outro lado, mobiliza a atividade intelectual e emotiva sugerindo idéias e provocando sentimentos intensos e profundos.

Deve-se fazer com que as visitas aos museus não se transformem em observações superficiais, rápidas, como já tivemos oportunidade de falar anteriormente quando nos referimos ao cinema. Por isso nunca se deve pretender ver um museu grande de uma só vez. A Galeria Tretiakov, por exemplo, exige vários dias; o Museu da Revolução, dois ou três.

Outras formas de educação cultural. Nós nos referimos às principais formas de educação cultural, entre elas aquelas que o Estado organiza. Na realidade, os pais têm que inventar pouco nesse sentido: basta que utilizem, da melhor forma possível, todos os bens culturais de nosso país.

Se aproveitam de forma ampla o jornal, o livro, o cinema, o teatro, o museu, estarão propiciando muito a seus filhos no

campo do conhecimento e em matéria de educação do caráter.

Entretanto, podem acrescentar mais. As formas de educação cultural na família são mais variadas do que parecem à primeira vista. Tomemos por exemplo uma saída em dia comum, no inverno ou verão. O passeio pelos arredores da cidade, o contato com a natureza, com uma aldeia, com as pessoas, com temas tão magníficos como a reconstrução, a construção de casas, estradas e fábricas, são todos motivos fecundos para aproveitar o dia de descanso. Entende-se que esses temas não devem ser transformados em conferências ou relatos intermináveis. Um passeio deve ser um passeio, fundamentalmente um descanso, e não se deve forçar a atenção da criança e obrigá-la a escutar ensinamentos. Sua atenção se detém involuntariamente nas coisas que vê, e algumas palavras que reforcem suas impressões — mesmo que sejam ditas em tom de gozação —, alguma narração que trace um paralelo com o passado, um relato humorístico, tudo isso exerce imperceptivelmente influência de grande valor educativo.

O interesse pelo esporte deve ser estimulado, tomando-se cuidado para que a criança não se transforme simplesmente num torcedor apaixonado de um esporte ou de uma equipe. Se se limita a participar com entusiasmo de todas as partidas de futebol, conhece o nome de todos os jogadores e seus recordes, mas não participa de nenhum clube de cultura física, não patina, não esquia, não sabe em que consiste o voleibol, seu interesse pelo esporte é pouco útil e talvez até prejudicial. O mesmo ocorre quando demonstra interesse pelo xadrez e não o pratica. Do ponto de vista educativo, interessa que a criança não se limite só à atração que exerce o espetáculo esportivo, mas que se transforme em esportista de fato, que pratique um esporte. Isso se consegue de forma mais eficiente quando os pais participam dessa atividade. É claro que isso não é muito fácil para os pais mais velhos, mas os jovens têm a possibilidade de fazê-lo, facilitando com isso a iniciação e a prática esportiva de seus filhos. Nesse sentido, pode-se afirmar que os pais já demonstram uma certa inclinação pelo esporte, mas o mesmo não acontece com as mães, não obstante o grande benefício que sua prática traz às mães jovens. Do mesmo modo, pode-se afirmar que nossas meninas são menos esportistas que os meninos e é por isso que há necessidade de orientar cada vez mais a mulher para o esporte.

Além das atividades expostas, certas formas de educação cultural podem ser praticadas no meio familiar, como a prepa-

ração de espetáculos domésticos, a confecção de um mural, de uma agenda diária, a correspondência com os amigos, a participação dos filhos em campanhas políticas, na arrumação da casa, organização de grupos infantis, de encontros, jogos, passeios, etc.

Em todos os aspectos da formação cultural da família, tanto o conteúdo como a forma devem ser levados em consideração. Em cada tarefa procurar-se-á conseguir a maior atividade; não basta desenvolver apenas a capacidade de ver, de escutar, mas também a vontade, a aspiração de vencer, a capacidade de superar obstáculos, o desejo de atrair os companheiros e as crianças menores. Por outro lado, dentro do limite desse método ativo, a atitude da criança para com os companheiros deve ser atenciosa e modesta, evitando qualquer ostentação ou orgulho.

Pode acontecer que o primeiro êxito num trabalho provoque na criança uma supervalorização de seus esforços, desdém pelos outros, o costume dos triunfos rápidos, que, no futuro, pode transformar-se em incapacidade para superar as dificuldades maiores. Por conseguinte, é sempre útil que os pais tracem para a criança um plano para o futuro próximo e façam com que ela se interesse pela sua realização, a qual será vigiada constantemente de forma discreta. Esse plano pode compreender os diferentes aspectos da formação cultural a que estamos nos referindo.

Nas diferentes atividades da formação cultural convém evitar, particularmente, que o interesse pela simples distração, pelo passatempo, não comece a predominar na criança. É claro que cada iniciação cultural deve proporcionar-lhe um prazer, mas o êxito será efetivo caso se consiga combinar esse prazer com o maior proveito educativo possível. Isso requer uma inventiva que está dentro das possibilidades da maioria dos pais, desta forma é preciso que meditem a respeito de tudo o que falamos.

Muitos elementos interessantes e divertidos para a criança podem ser introduzidos até na leitura de jornais. Pode-se sugerir-lhe por exemplo, que reúna recortes sobre determinados temas; ensiná-la como se faz um mapa doméstico com a demarcação de seus limites. Mais tarde poderão ser confeccionados álbuns e coleções de recortes de jornais e desenhos de revistas referentes a determinados temas.

Valendo-se de diferentes métodos, o trabalho cultural na família pode tornar-se muito interessante e valioso, do ponto de vista educativo. Mas é sempre necessário que em todo tema cultural, em qualquer questão, pais e filhos lembrem-se do povo soviético e de nossa construção socialista. A atividade cultural

deve orientar-se constantemente para a atividade política. A criança deve sentir-se cada vez mais cidadã de nosso país, conhecer as façanhas de seus heróis, saber quem são seus inimigos, e saber, também, a quem deve consagrar sua vida cultural consciente.

Oitava Conferência

EDUCAÇÃO SEXUAL

A educação sexual é considerada um dos mais difíceis problemas pedagógicos. Na realidade, nenhuma questão foi tão confundida e objeto de tantas opiniões errôneas. Entretanto, na prática não é tão difícil, e em muitas famílias ela é resolvida de maneira simples, sem vacilações angustiantes. Torna-se difícil quando é enfocada separadamente, desvinculada do conjunto dos outros problemas educativos, quando se lhe atribui importância excessiva.

A educação sexual não oferece dificuldades quando os pais têm um conceito definido de seus objetivos e sabem, portanto, ver com clareza a forma de consegui-los.

Ao atingir determinada idade, todo ser humano tem vida sexual. É um aspecto comum na maioria dos seres vivos.

A vida sexual do homem difere substancialmente da do animal e é nessa diferença que se fundamenta o objetivo da educação sexual. O animal sente a necessidade da vida sexual na medida em que ela tende à procriação, e praticamente não é suscetível de corrupção.

O homem, ao contrário, busca o prazer sexual independentemente do desejo de procriação, tendência que costuma adquirir formas muito desordenadas e moralmente reprováveis, o que provoca prejuízo para si mesmo e para os outros. O homem percorreu um longo caminho no decorrer da história, evoluindo não só como tipo zoológico mas também como ser social. Durante esse processo foram elaborados ideais humanos sobre muitos aspectos da moral, entre eles os relativos às relações sexuais. Na sociedade classista, esses ideais são violados em favor das classes governantes. Essas violações são observadas na estrutura da família, na situação da mulher e na autoridade despótica do homem. Em alguns países existe um verdadeiro contrato de compra e venda de mulheres; conhecemos muitas formas históricas da poligamia em que a mulher era considerada apenas um objeto de prazer para o homem; existe o fenômeno degradante da prostituição, em que o homem compra temporariamente a carícia feminina; conhecemos, enfim, os limites coercitivos da família,

que obrigam o homem e a mulher a viverem juntos, mesmo contra a sua vontade.

A Revolução Socialista de Outubro acabou com esses vícios disformes da sociedade classista. Destruiu as amarras da convivência forçada e liberou a mulher de muitas situações humilhantes que o homem lhe infligia.

Só depois da Revolução de Outubro a vida sexual humana se aproxima dos ideais que desde há muito sonhava a humanidade. Não faltou quem interpretasse mal essa nova liberdade, acreditando que a vida sexual possa consistir numa mudança desordenada de pares conjugais, no chamado "amor livre". Numa sociedade bem organizada, socialista, tal prática da vida sexual conduz necessariamente a uma simplicidade de relações, indigna do homem, à vulgaridade, a vivências penosas, a desgraças, à destruição da família e à orfandade das crianças.

Em sua vida sexual — o mesmo que ocorre em outros aspectos —, o homem não deve esquecer-se de que é um membro da sociedade, cidadão de seu país e participante da construção socialista. Por isso, em todas as suas atitudes — tanto em relação à mulher como ao homem — não deve esquecer-se das exigências da moral comunista, que sustenta sempre os interesses de toda a sociedade e exige de cada cidadão o cumprimento de normas definidas também no campo sexual. A educação das crianças dar-se-á de modo que a sua conduta, no futuro, não esteja em discordância com semelhante moral.

Que exige a moral comunista em relação à vida sexual? Exige que a vida sexual de cada homem e de cada mulher esteja em constante harmonia com as duas expressões mais importantes da vida humana: a família e o amor. Considera normal e moralmente justificada somente a vida sexual baseada no amor recíproco e que se manifesta no casamento, ou seja, na união civil pública e aberta do homem e da mulher, e cujos objetivos são a felicidade humana e a procriação e educação dos filhos.

Daí surgem claramente os objetivos da educação sexual: a formação espiritual da criança de modo que, no futuro, ela considere o amor um sentimento profundo e sério, e que o realize procurando a sua felicidade e prazer dentro do ambiente familiar.

Conseqüentemente, ao considerar a educação do futuro sentimento sexual de nosso filho, devemos, apropriadamente, referir-nos à sua formação emocional em relação ao amor e à sua educação como futuro homem de família. Focalizada sob qualquer outro ponto de vista, a educação sexual será prejudicial e anti-social. Todo pai deve ter um conceito claro — e formular a si

próprio o seguinte propósito — de que o futuro cidadão que está sendo educado somente poderá atingir a felicidade através do amor familiar, única forma de se procurar também as alegrias da vida sexual. Se não se colocam esses objetivos, ou não se consegue realizá-los, os filhos se mostrarão desorientados na vida sexual, sofrerão toda espécie de dramas e sofrimentos, e sua vida será um mau exemplo e prejudicial para a sociedade.

A educação sexual correta — da mesma forma que qualquer outro aspecto da formação do caráter — é fundamentalmente conseqüência de uma boa organização familiar, através da qual o pai sabe orientar de forma construtiva — passo a passo, permanentemente — o desenvolvimento de um autêntico homem soviético.

Os fatores decisivos em matéria de amor e de vida familiar estão constituídos pela personalidade moral e política do indivíduo, seu desenvolvimento geral, sua capacidade de trabalho, honestidade, atitudes, sua lealdade ao país e o amor à sociedade. Conseqüentemente, pode-se afirmar que a vida sexual do futuro homem se educa sempre, a cada momento, inclusive quando os pais ou os educadores não pensam nela. O velho provérbio "A preguiça é a mãe de todos os vícios" reflete muito bem essa lei geral. Mas os vícios têm mais de uma mãe; não só a preguiça, mas qualquer desvio da conduta social leva inevitavelmente a uma conduta viciosa na sociedade e a uma vida sexual desordenada.

Por isso, o importante em matéria de educação sexual é o conjunto do trabalho educativo, a totalidade de seus aspectos e não alguns procedimentos isolados considerados especiais.

Quando se incute na criança a honestidade, a sinceridade, a retidão, o costume pela limpeza, a verdade, o respeito para com os outros, o amor à pátria, e a lealdade para com as idéias da revolução socialista, quando se capacita a criança para o trabalho, ao mesmo tempo se desenvolve também a sua educação sexual. Dentre todos esses fatores educativos, alguns têm uma relação mais direta com a educação sexual, mas todos, tomados em seu conjunto, determinam em grande escala o êxito da educação dos futuros cônjuges.

Há quem acredite na existência de métodos e procedimentos especiais para a educação sexual e deposita grandes esperanças neles, pensando que são a expressão mais sábia da pedagogia.

Em tudo isso é necessário proceder com muita cautela e submeter tais opiniões a um exame cuidadoso, porque costumam conter muitas orientações errôneas.

A preocupação com a educação sexual é muito antiga. Muita gente pensava que a esfera sexual é o que existe de mais importante e decisivo na constituição física do homem e que toda sua conduta depende do fator sexual. Os partidários dessas teses "teóricas" empenhavam-se em demonstrar que toda a educação de um jovem, ou de uma jovem, é na essência uma educação sexual.

Muitas dessas "teorias" ficaram sepultadas nos livros sem chegar à massa de leitores, mas algumas foram amplamente divulgadas e provocaram opiniões prejudiciais e perigosas.

Seu objetivo principal consistia em que a criança fosse preparada de forma racional para a educação sexual, que não visse nela nada de secreto, nada de "vergonhoso". Com essa finalidade procuravam o quanto antes iniciar a criança em todos os seus mistérios, explicar-lhe o processo de procriação. Viam com verdadeiro terror os "simplórios" que enganam as crianças com fábulas de cegonhas e outros presumíveis culpados da procriação. Ao fazê-lo, partiam da premissa seguinte: se tudo é contado e explicado à criança, se tudo o que for vergonhoso dentro da sua concepção sobre o amor sexual é eliminado, então se conseguirá uma educação sexual correta.

É preciso encarar com muito cuidado semelhantes opiniões. Os problemas da educação sexual devem ser enfocados com muita calma, sem raciocínios ambíguos. É verdade que a criança pergunta com freqüência de onde vêm as crianças. Mas isso não basta para justificar a suposta necessidade de explicar-lhe tudo na primeira infância. A ignorância da criança não se limita somente a esta questão. Há muitas outras coisas em diferentes aspectos da vida que ela ignora, e, no entanto, não nos apressamos em sobrecarregá-la prematuramente com conhecimentos que ainda não tem condições para adquirir.

Não explicamos a uma criança de três anos a causa do calor ou do frio, ou por que se alonga ou se encurta o dia. Do mesmo modo, não lhe explicamos aos sete anos a estrutura de um motor de aeroplano, embora ela se interesse em saber. Todo conhecimento chega a seu tempo e não existe nenhum perigo em responder-lhe: "Você ainda é muito pequeno, quando for maior, você saberá."

Por outro lado, é necessário alertar que na criança não existe, e não pode existir, nenhum interesse especial pelos problemas sexuais. Esse interesse aparece de forma autêntica somente na puberdade, mas, já nesse período, não existe comumente para ela nada misterioso nesse sentido.

Por conseguinte, não há uma necessidade premente em descobrir o "mistério" da procriação por causa de uma pergunta casual. São manifestações que não contêm ainda nenhuma curiosidade sexual especial, e o fato de que não se descubra o "mistério" não provoca nenhum sofrimento. Pode-se fugir da resposta com uma brincadeira ou um sorriso, e assim a criança se esquecerá da pergunta e se ocupará de outra coisa. Mas se se conversa com ela sobre detalhes mais íntimos das relações entre homem e mulher, sua curiosidade pelo problema sexual será despertada e será preciso depois conter sua imaginação prematuramente acordada. O conhecimento que se pode comunicar-lhe não lhe é necessário nem útil, mas, ao contrário, o jogo da imaginação que foi despertado pode ser o começo de vivências sexuais prematuras.

Não se deve temer que a criança conheça o segredo da procriação através de seus companheiros e amigas e mantenha o seu conhecimento escondido. Muitos aspectos da vida fazem parte de uma zona íntima, reservada, que não deve ser compartilhada com os outros e exibida para a sociedade, e a criança deve saber disso. Somente quando já se formou nela essa atitude em relação à vida íntima, quando já aprendeu o costume do silêncio sábio a respeito de certas coisas, será o momento de falar com ela sobre a vida sexual. Essas conversas devem ser estritamente reservadas, de pai para filho, ou de mãe para filha. Serão úteis porque corresponderão ao despertar natural da vida sexual do jovem, e não serão prejudiciais porque pai e filhos estarão de acordo visto tratar-se de um tema tão importante, cuja análise é necessária por várias razões e conduz a uma utilidade efetiva, embora se trate de uma questão íntima. Essas conversas devem referir-se a problemas de higiene sexual e particularmente da moral sexual.

Ao reconhecer a necessidade dessas conversas no período da puberdade, não se deve superestimar sua importância. Falando com propriedade, seria melhor se fossem tidas com o médico ou programadas na escola. É sempre preferível que entre pais e filhos exista um clima de delicadeza e de pudor, que pode ser alterado com conversas muito francas sobre temas tão difíceis.

Existem outros motivos que contestam as conversas prematuras com as crianças sobre questões sexuais; podem conduzi-las a um enfoque grosseiramente realista do problema e desenvolver o cinismo com que, às vezes, os adultos contam banalmente uns para os outros suas vivências sexuais mais íntimas.

Comumente essas conversas colocam o problema dentro da concepção fisiológica mais estreita e não o dignificam com os

temas do amor, que enaltece e torna socialmente mais valiosa a atitude do homem para com a mulher.

Queira-se ou não, essas conversas serão apenas de caráter fisiológico, porque não há outra maneira de explicar a uma criança que as relações sexuais são justificadas pelo amor, quando não se tem nenhum conceito do amor.

Quando se conversa com os filhos sobre o problema no momento adequado, já é possível colocá-lo no terreno do amor e incutir neles o devido respeito por todas essas questões, tendo como base o sentimento cívico, estético e humano. Nossos jovens de ambos os sexos se familiarizam com os temas do amor através da literatura sem disfarce, do ambiente em que vive e de sua experiência social. Esses conhecimentos devem servir de base aos pais na sua ação educativa.

A educação sexual consiste precisamente na educação do amor — o sentimento maior e mais profundo —, identificado com as aspirações e esperanças e com toda a vida. Essa educação deve desenvolver-se sem análises muito realistas — de certo modo cínicas — dos aspectos puramente fisiológicos.

Como se desenvolve essa educação? Neste campo o principal fator é o exemplo. Um amor autêntico entre os pais, seu respeito mútuo, os cuidados que um tem pelo outro, as expressões de ternura e carinho admissíveis abertamente, se acontecem na vista dos filhos desde seus primeiros anos, servem de meio educativo bastante eficaz, chamam necessariamente a atenção das crianças para um tipo de relacionamento muito sério e belo, o relacionamento entre o homem e a mulher.

O segundo fator consiste na educação mais abrangente do sentimento de amor. Se a criança não aprendeu a querer seus pais e irmãos, sua escola, sua pátria; se em seu caráter se arraigaram princípios de um egoísmo grosseiro, é muito difícil acreditar que quando adulto seja capaz de amar honestamente a mulher que escolher. Comumente, tais homens caracterizam-se por intensos impulsos sexuais, mas não respeitam a mulher que os atrai e menosprezam seus sentimentos, que não despertam neles o menor interesse. Por isso mudam com facilidade seus afetos e não estão longe da corrupção vulgar. Naturalmente, não é um fenômeno exclusivo dos homens, acontece também entre as mulheres.

O amor sem sexo, a amizade, a experiência do "amor-amizade" vivida na infância, a experiência de afetos duradouros por pessoas diferentes, o amor à pátria, são todos sentimentos que, bem educados desde a primeira infância, constituem o melhor método para formar a futura atitude para com a mulher

amiga, uma atitude que tenha um valor social elevado. Se não se consegue transmitir noções de um relacionamento bem estruturado, será muito difícil disciplinar e dominar a esfera sexual.

Por isso aconselhamos aos pais que dediquem muita atenção ao problema dos sentimentos da criança para com os outros e para com a sociedade. Deve-se induzi-la a ter amigos (os pais, os irmãos, os companheiros), que suas relações com eles não sejam desastrosas e egoístas e que os interesses dos amigos não lhe sejam indiferentes.

Convém despertar o quanto antes o interesse da criança por sua cidade ou bairro, pela fábrica em que trabalha seu pai, e também por todo o nosso país, sua história e seus fundadores. É claro que isso não se conseguirá simplesmente com conversas. É preciso que a criança veja muitas coisas, pense e experimente vivências interessantes. O cinema, o teatro e a literatura são meios muito adequados para se alcançar esses objetivos.

Uma educação como a descrita também será positiva no sentido sexual. Criará as condições de caráter e os traços de personalidade próprios do homem coletivista, que se conduzirá com moralidade também no que diz respeito ao sexo.

O regime familiar correto também girará nesse mesmo sentido. Aquele que se acostumou à ordem desde a primeira infância sem ter passado por experiências desordenadas e irresponsáveis, no futuro, comportar-se-á de maneira idêntica nas suas relações com pessoas de outro sexo.

Um regime correto influi de forma benéfica na educação sexual também por outros motivos. A experiência desordenada neste sentido começa em muitos casos com encontros casuais de moços e meninas, encontros esses provocados pelo ócio, pelo aborrecimento, por um desocupação descontrolada. Os pais devem saber com quem se encontra seu filho e qual o seu objetivo. Finalmente, um regime correto contribui simplesmente para um maior equilíbrio físico da criança, equilíbrio que evita um despertar precoce das vivências sexuais. Deitar-se e levantar-se na hora certa, não ficar deitado na cama sem necessidade, são fatores que contribuem para uma boa formação moral e portanto para uma moderação sexual.

Outro fator positivo na educação que estamos considerando é o fato de a criança ter tarefas e preocupações adequadas à sua idade e às suas possibilidades. Já falamos disso em outras oportunidades, mas trata-se de uma questão que tem também importância para a educação sexual.

Um certo cansaço normal e agradável ao anoitecer e a idéia dos trabalhos e obrigações do dia seguinte são fatores que criam uma base valiosa para o curso normal da imaginação e para uma distribuição apropriada das energias da criança durante o dia.

Em tais condições, não aparecem na criança nem tendências físicas nem psíquicas decorrentes de vadiagem ociosa, de um excessivo jogo de imaginação e de encontros e impressões casuais.

As crianças que têm na primeira infância um ambiente propício a um regime correto e preciso, comumente adquirem simpatia por esse regime, habituam-se com ele e adquirem noções sobre como proceder com os outros.

O esporte também é parte de uma educação ampla, correta, que tem seus reflexos, inevitavelmente, no campo sexual. As práticas esportivas bem organizadas, especialmente a patinação, o esqui, o remo, a ginástica regular, trazem grande proveito, cuja evidência não requer demonstrações.

Todas essas medidas educativas não parecem ter relação direta com os fins da educação sexual, mas conduzem a eles porque contribuem de forma muito eficaz para a educação do caráter e integram a experiência física e psíquica da juventude. São portanto recursos muito eficientes para a educação sexual.

Quando esses métodos e princípios são aplicados pela família, a influência direta dos pais sobre a juventude, através de conversas, torna-se mais fácil e efetiva. Ao contrário, se tais condições não existem, se não se educam os sentimentos de solidariedade para com os outros e para com a coletividade, se não se organiza o regime e o esporte, não haverá conversas proveitosas por mais engenhosas e oportunas que sejam.

Essas conversas devem surgir em conseqüência de um caso concreto. Nunca devem ser realizadas adiantadamente, a título de prevenção, quando a conduta da criança não dá motivo para isso. Mas, ao mesmo tempo, o menor desvio da norma deve ser observado firmemente a fim de se evitar omissões inconvenientes e para que, de repente, não se esteja diante de um fato consumado.

Podemos considerar motivos adequados para tais conversas os seguintes: as expressões ou conversas cínicas, o excessivo interesse pelos escândalos familiares alheios, a atitude suspeita e desonesta para com os casais de namorados, a amizade fútil com as meninas, motivada de forma visível pelo simples interesse sexual, a falta de respeito para com a mulher, a inclinação excessiva pelos enfeites, a vaidade precoce, o interesse pelos livros que tratam com crueza das relações sexuais.

Numa idade mais avançada, essas conversas podem analisar o problema já com mais amplitude, e remeter a soluções concretas e positivas além de utilizar os mais diferentes exemplos de outros jovens.

Tratando-se de rapazes e meninas muito jovens, tais conversas serão breves, e deve-se apelar, às vezes diretamente, à reprovação ou à proibição, exigindo uma conduta dentro dos princípios corretos.

Mais úteis ainda são as referências a diferentes casos de problemas sexuais ocorridos no ambiente e que provocam sentimento de repulsa e de franca condenação. Dessa forma é útil manifestar que se espera dos filhos outro tipo de conduta, com tanta certeza que nem se precisa falar disso. Em semelhantes ocasiões, não se deve dizer: "Não procedam nunca desta forma, é mau"; convém usar uma expressão como: "Sei que você não procederá dessa forma. Você não é assim."

Moscou, 1937.